

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

RENATA ZANELLA

FORMAÇÃO – AÇÃO: UM ESTUDO DO DESENVOLVIMENTO DO PROTAGONISMO
JUVENIL NO PROJETO MISSÃO JOVEM

São Leopoldo

2009

RENATA ZANELLA

FORMAÇÃO – AÇÃO: UM ESTUDO DO DESENVOLVIMENTO DO PROTAGONISMO
JUVENIL NO PROJETO MISSÃO JOVEM

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia Programa
de Pós-Graduação
Linha de Pesquisa: Educação
Comunitária com Infância e Juventude

Orientador: Roberto Ervino Zwetsch
Segunda corretora: Prof.^a Gisela Isolde Waechter Streck

São Leopoldo

2009

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Z27f Zanella, Renata
Formação-Ação: um estudo do desenvolvimento do protagonismo juvenil no projeto missão jovem / Renata Zanella ; orientador Roberto Ervino Zwetsch. – São Leopoldo : EST/PPG, 2009.
85f. ; il.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2009.

1. Projeto Missão Jovem. 2. Obras da igreja junto aos jovens. 3. Jovens – Vida religiosa. 4. Jovens – Educação. I. Zwetsch, Roberto Ervino. II. Título.

RESUMO

Este estudo apresenta as contribuições do Projeto Missão Jovem (MJ) na formação dos jovens da Pastoral da Juventude. Propõe-se discutir como é estimulado o protagonismo juvenil durante o curso Escola da Juventude para que os próprios jovens concretizem a ação missionária, um desafio concreto que se revela uma ação transformadora na vida dos mesmos. A pesquisa foi desenvolvida numa abordagem qualitativa, utilizando como método o estudo de caso do projeto do Vicariato de Gravataí no ano de 2008, a partir do qual foi produzido um diário de campo e um levantamento com os participantes após o término de cada etapa do projeto. A partir dos dados, foi realizada uma análise que gerou as seguintes categorias: juventude, protagonismo juvenil, formação, missão transformadora. As referências teóricas para esse estudo articularam contribuições do campo da Teologia e da Pedagogia. A reflexão aponta para três momentos marcantes da MJ. O primeiro é o momento de formação. O curso voltado para a juventude e organizado por jovens visa trabalhar as dimensões distintas do jovem para promover uma formação integral, tendo o evangelho de Cristo como fundamento teológico. Com esse objetivo, utiliza uma metodologia que prioriza a experiência. A formação culmina, no segundo momento, na ação. Esta é a fase auge do protagonismo juvenil, quando os cursistas se desafiam a colocar em prática o projeto idealizado, assumindo um novo conceito de missão transformadora. A intervenção no contexto social ocorre na atuação coletiva. A ação missionária acaba por ser um momento formativo, transformador. A transformação é o terceiro e último momento do projeto, que marca os jovens para sempre, pois estes estabelecem, a partir da MJ, novos paradigmas para os seus Projetos de Vida, paradigmas estes alicerçados na solidariedade, no trabalho coletivo, na crença de que podem fazer a diferença na sociedade como jovens cristãos e cidadãos participativos.

Palavras-chave: juventude, protagonismo juvenil, educação juvenil, missão.

ABSTRACT

This work presents the contributions of Projeto Missão Jovem (MJ) in the formation of adolescents from Pastoral da Juventude. It proposes the discussion of how the juvenile leadership is stimulated during the course Escola da Juventude in order to motivate them to complete the missionary action. The research was developed in a qualitative way, using as method the case study of the project of the Vicariate of Gravataí in 2008. A camp diary was produced after the conclusion of each stage of the project. Taking into consideration the data, it has been elaborated an analysis that established the following categories: youth, juvenile leadership, formation, transforming mission. Theology and Pedagogy have contributed to the theoretical support of this study. The reflection points to three important stages of MJ. The first is the moment of formation. The course that is organized by young people aims to work the distinct dimensions of them in order to promote an integral formation, using The Book of Christ as the theological basis. The second stage is the moment of action. This stage is characterized by the juvenile leadership. Students challenge themselves to put into practice their projects, assuming a new concept of transforming mission. The intervention in the social context occurs in the collective action. The missionary action is a moment of formation and transformation. The last stage is the moment of transformation in which they establish new paradigms in their life projects that are based on solidarity, collective work, and in the belief that they can make a difference in society as Christian juveniles and participative citizens.

Key words: youth, juvenile leadership, juvenile education, mission.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	15
1 ESCOLA DA JUVENTUDE: JOVENS FORMANDO JOVENS.....	16
1.1 Formação Integral: trabalhando as dimensões da personalização, socialização, consciência crítica, místico-teologal e capacitação técnica.....	18
1.1.1 A relação do jovem consigo mesmo.....	19
1.1.2 A relação do jovem com os outros.....	20
1.1.3 A relação do jovem com a sociedade.....	21
1.1.4 A relação do jovem com Deus.....	24
1.1.5 A capacitação técnica.....	26
1.2 Existe uma escola que se aprende a navegar sobre as nuvens e a cavalgar sonhos ao invés de olhar para o quadro-negro meio dormindo.	29
1.2.1 O recurso da dinâmica	30
1.2.2 O fazer arte.....	32
1.2.3 Deserto e comunidade.....	34
1.2.4 Os lugares de cursar.....	35
1.3 Curso da juventude para a juventude.....	37
1.3.1. Cada um com seu papel.....	37
1.3.2. Assessor (a), um amigo (a) para caminhar junto.....	38
1.3.3. Construção coletiva.....	39
1.3.4 Privilégios da equipe.....	40
1.3.5 O processo da equipe.....	41
2 JUVENTUDE EM MISSÃO: O PROTAGONISMO JUVENIL EM AÇÃO.....	43
2.1 Despertar para o compromisso místico-teologal.....	43
2.1.2 A missão não se constrói sozinha.....	48
2.2 “Agora estamos em missão”	50
2.3 A missão entra no Projeto de Vida.....	57
2.4 Como continuar a navegar com nossos sonhos?.....	60
CONCLUSÃO.....	64
REFERÊNCIAS.....	69
ANEXOS.....	75

AGRADECIMENTOS

Ao longo dos últimos dois anos, muitas têm sido as pessoas a quem gostaria de agradecer. Poder contar com pessoas e instituições nessa travessia foi muito gratificante. Por isso a todos agradeço, carinhosamente e em especial:

À Deus, força presente na minha vida.

À minha família cujo apoio incondicional viabilizou a realização deste trabalho.

Ao Professor Roberto Zwetsch, orientador da dissertação, pelas conversas encorajadoras, dedicação e disponibilidade mesmo nos momentos difíceis.

Aos meus colegas professores que acreditam na educação e partilham suas experiências e reflexões, me dando ânimo na atividade prazerosa e cansativa de educar.

Aos meus companheiros da PJ de Porto Alegre que entenderam minha ausência para a realização da reflexão do trabalho sobre a juventude e que por tanto tempo me desafiam constantemente na realização de formações sobre, para e com a juventude.

Aos jovens, que ao longo de mais de dez anos, estiveram presente na minha vida, através dos trabalhos pastorais, educativos e que me fizeram apaixonada por essa temática e defensora de seus direitos.

INTRODUÇÃO

Ao entrar para a sala de aula, em 2007, como professora das séries finais da disciplina de História no município de Guaíba/ RS, percebi que era uma professora diferente pela minha formação fora da educação formal, além da educação acadêmica. Eram onze anos de uma educação não contabilizada nos currículos escolares nem na experiência profissional, mas que fez diferença na forma com a qual me relacionava com os jovens alunos (não temendo a liberdade que eles adquiriam em minhas aulas); na forma de abordar temáticas que fogem do conteúdo pragmático e se referem à vida de cada um deles – visando ao desenvolvimento do conhecimento de suas identidades, da relação com os outros, da consciência crítica, da autonomia frente às propostas e de uma reflexão sobre seu futuro. Procuo fazer do processo educativo uma ferramenta transformadora e acolhedora.

Essa formação e experiência diferenciada foi resultado da formação e militância em grupos de base da Pastoral da Juventude (PJ) da Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR) que se iniciou em 1995¹.

A Pastoral da Juventude do Brasil se auto-define como:

ação organizada dos jovens que são Igreja junto com seus pastores e com toda comunidade para aprofundar a vivência de sua fé e evangelizar outros jovens, com opção evangélica preferencial e consciente pelos jovens das classes populares e pelos jovens marginalizados, em vista da construção de um mundo mais fraterno e justo, a fim de que se transformem em novos homens e novas mulheres, sendo, pois agentes da construção da nova sociedade, guiados pelos critérios evangélicos. (...) A PJ (Pastoral da Juventude) é a organização dos grupos de jovens das paróquias e CEBs² dentro de uma pastoral que tem suas próprias coordenações, processo de formação e acompanhamento sistemático.³

É importante ressaltar que o grupo de jovens de base, ou apenas grupo de base – como é comumente chamado entre os jovens – é o espaço onde, prioritariamente, acontece o trabalho da PJ. “É na experiência grupal que o jovem é chamado a fazer a experiência de vida

¹ No ano de 1995, juntamente com outros jovens que participavam da comunidade paroquial Cristo Redentor (Porto Alegre), fui desafiada a montar um grupo de jovens.

² As CEBs são *comunidades*, uma reunião de pessoas que vivem na mesma região e possuem a mesma fé. São *eclesiais*, porque estão unidas à Igreja. São *de base* porque são constituídas de pessoas das classes populares. Localizam-se em geral na zona rural e na periferia das cidades. Organizam-se em torno das paróquias ou capelas por iniciativa de leigos, padres ou bispos. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Comunidades_Eclesiais_de_Base, acesso em 15 de março de 2009.

Cf BETTO, Frei. *O que é Comunidade Eclesial de Base*. 2a edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981. As CEBs são uma nova forma de organizar a pastoral. As CEBs permitem que a organização paroquial se dê através de comunidades menores, onde os membros podem estabelecer laços comunitários entre si.

³ Site oficial da PJ Nacional, disponível em: http://www.pj.org.br/2/src/site/pagina.php?pag=quem_somos, acesso em 14 de março de 2009.

de comunidade. (...) encontra um espaço para a convivência, para o diálogo, para o companheirismo e para o afeto.⁴”

Este tipo de grupo de jovens que a PJ trabalha e incentiva é diferente dos grupos de jovens dos movimentos eclesiais⁵. O diálogo não é tranqüilo entre PJ e Movimentos, pelo menos na realidade do Rio Grande do Sul (RS), e isto pode ser percebido pela necessidade de se ter um item no Marco Referencial da PJ do RS⁶ somente para incentivar o diálogo e as ações conjuntas entre as diversas organizações juvenis da Igreja, visando à melhor atuação missionária junto à juventude e ao desafio da imensa massa de jovens a evangelizar⁷.

A dificuldade de integração entre as diferentes organizações juvenis pode ser compreendida como herança do contexto histórico em que estes surgiram. Os “movimentos” surgem em plena ditadura militar⁸, têm a presença de pessoas adultas, “os tios”, que têm o papel de coordenar as atividades juntamente com um jovem. Os encontros dos jovens acontecem semanalmente e suas diretrizes e bases já vêm pré-estabelecidas pela organização do movimento⁹. Os pilares do curso giram em torno de uma experiência individual de Deus. Os momentos marcantes da formação acontecem nos retiros e, em sua grande maioria, as atividades promovidas por estes movimentos reproduzem a educação bancária¹⁰.

Acho muito pertinente para esse exemplo a reflexão que Groppo¹¹ faz das organizações políticas e religiosas que, segundo ele, querem preparar os jovens dentro de suas concepções: procuram o comprometimento dos jovens com suas metas específicas e sua lealdade para assim garantir a continuidade da instituição. Assim, incentivam a formação de grupos juvenis, mas controlados por adultos. Os adultos têm papel de fiscalização desses jovens.

⁴ PASTORAL DA JUVENTUDE DO RS. *Marco Referencial*. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB – Sul 3: Porto Alegre. 2003, p. 38.

⁵ Os chamados “movimentos” são baseados no modelo europeu do Cursilho de Cristandade. Percebo nesses grupos de jovens uma semelhança muito grande com a educação bancária criticada por Paulo Freire em suas reflexões, uma formação que não permite criação, libertação, autonomia.

⁶ Ponto 3.7 Movimentos Eclesiais de Juventude no Marco Referencial da PJ do RS, p. 56.

⁷ Cf. PASTORAL DA JUVENTUDE DO RS. 2003, p. 56.

⁸ Cf. DICK, Hilário. *Gritos Silenciados, mas evidentes: jovens construindo juventude na História*. Loyola: São Paulo, 2003. p. 287.

⁹ No movimento CLJ – Curso de Liderança Juvenil – as diretrizes e bases foram organizadas em Porto Alegre no ano de 1976 por um secretariado de padres e outros três homens. A juventude não participou desse processo. Cf. HASTENTEUFEL, Zeno. Os trinta anos de um movimento juvenil. *Caminhando com o Itepa, Instituto de Teologia e Pastoral*, ano XXIII, nº 85, julho 2007. p. 50.

¹⁰ Palestras que implicam num sujeito – o narrador que compreende a realidade – e em objetos pacientes, ouvintes – os educandos, neste caso, os jovens. Cf. FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 33.

¹¹ Cf. GROPPPO, Luis Antônio. *Juventude: ensaio sobre sociologia e história da juventude moderna*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000. p. 45

A PJ, por sua vez, começa a se organizar no Brasil na década de 1980, no período de redemocratização política. Ela é herdeira da experiência da Ação Católica Especializada¹² proibida pela ditadura militar. Segundo o Marco Referencial da PJ do RS:

A herança que ficou dessa época é muito grande. Uma destas preciosas heranças é o método Ver-Julgar-Agir com suas conseqüências. Busca-se o agir a partir da realidade, falando em 'formação na ação'. Outra herança é a Revisão de Vida e de Prática, levando a um planejamento sempre mais exigente. Compreende-se, por isso, que se fale tanto em espiritualidade encarnada, da importância da vivência em pequenos grupos, do despertar do protagonismo juvenil, da consciência crítica e da missionariedade.¹³

Uma das atividades no eixo da Ação¹⁴ da PJ no Brasil, que além de formar o jovem visa transformá-lo em protagonista de sua ação comunitária, é o Projeto Missão Jovem. Segundo o subsídio produzido pela PJ da Arquidiocese de Porto Alegre¹⁵:

A Missão Jovem é uma ação planejada e concreta da juventude, que é Igreja e que visa dar testemunho de sua fé, indo ao encontro dos jovens em suas diversas realidades, (...) Momento do jovem evangelizar outro jovem, de ser protagonista¹⁶.

A MJ, assim como todas as formações e ações da PJ, não tem um formato pronto, uma "receita" a ser seguida. O que existe é a concepção geral, a estrutura em três etapas distintas, mas dependentes entre si: Pré-Missão, Missão e Missão Sempre. O tempo de duração das etapas, a temática, assim como a programação, devem ser de acordo com a realidade onde se realiza o processo de Missão.

Pré-Missão é o período de formação dos missionários, estudo e aproximação da realidade onde a missão irá acontecer, assim como, definição das atividades da MJ propriamente ditas.

Missão é período de colocar em ação o planejado no Pré-Missão, podendo ser oficinas em escolas, debates, atividades em diversas instituições sociais, visitas às famílias.

Pós-Missão, ou Missão Sempre, é o momento de analisar a atividade desenvolvida e planejar atividades que dêem continuidade ao processo iniciado com a MJ.

¹² Entre as décadas de 30 e 60 a Ação Católica (AC) atuou no Brasil. A AC era um programa que visava à participação dos leigos no apostolado hierárquico da Igreja. Em 1950 entra em vigor a AC Especializada: Juventude Agrária Católica (JAC), Juventude Estudantil Católica (JEC), Juventude Independente Católica (JIC), Juventude Operária Católica (JOC) e Juventude Universitária Católica (JUC). Cf. BETIATO, Mario Antônio. *Da Ação Católica à Pastoral da Juventude*. São Paulo: Vozes. 1985. p 15 – 16.

¹³ PASTORAL DA JUVENTUDE DO RS, 2003, p. 7.

¹⁴ Cf. SILVA, Lourival Rodrigues da (Org.) *Pastoral da Juventude: um jeito de ser e fazer*. Orientações para a caminhada: um CORPO em construção. São Paulo: Centro de Capacitação de Juventude - CCJ. 2009, p.22.

¹⁵ É uma circunscrição eclesial da Igreja Católica no estado do Rio Grande do Sul. A arquidiocese de Porto Alegre compreende os vicariatos de Porto Alegre, Gravataí, Guaíba, Canoas, e até o ano de 2008, Montenegro, que hoje é uma diocese independente.

¹⁶ PASTORAL DA JUVENTUDE PORTO ALEGRE. *Missão Jovem*. Arquidiocese de Porto Alegre, 2005. p 21.

Este projeto, pioneiro no estado e adotado pela PJ Nacional, surge no regional no ano de 1993, na Diocese de Frederico Westphalen. Nos anos seguintes, multiplicam-se experiências por todo o estado, culminando no Congresso Regional no ano de 2003, com o tema “Lancemos as redes em águas mais profundas”, e com um subsídio com a mesma temática.

A proposta foi incorporada ao documento de estudo da CNBB “Evangelificação da Juventude: desafios e perspectivas” no ano de 2006. Outro apoio de destaque da Igreja ao projeto foi o destino de parte da coleta financeira para a Evangelização¹⁷, na Arquidiocese de Porto Alegre no ano de 2004.

Propus-me o estudo do Projeto Missão Jovem, em grande parte, por ter já vivido a experiência de jovem missionária em três edições dessa atividade no Vicariato de Porto Alegre¹⁸, nos anos de 2004, 2005 e 2006. Nessas experiências, chamou-me atenção a transformação pela qual os jovens passavam durante todo o processo missionário.

Eles se percebiam capazes de pensar e executar atividades. O medo e a timidez eram entraves superados com a ajuda coletiva. Portanto, pretendo, neste trabalho, estudar como o protagonismo juvenil é estimulado e aceito nesse processo de educação, de formação, além de refletir sobre como o jovem assume o desafio da proposta concreta de uma ação transformadora durante essa trajetória.

O estudo sobre a juventude ganhou espaço nas pesquisas científicas. Segundo Schäffers¹⁹. Estas foram se desenvolvendo à medida que a juventude passou a ser vista como categoria social e geracional, bem como, através da autonomia adquirida por esse grupo etário. Se há estudos sobre a juventude, é porque ela é um dos importantes atores sociais.

A relevância dos estudos juvenis também se explica pela concepção de alguns autores²⁰ em considerar que o contexto social, as relações e as experiências dessa determinada etapa de vida são fundamentais para a elaboração de suas visões de mundo e a construção de suas identidades. E, assim, definindo as futuras opções na vida adulta.

Segundo Levi e Schmitt²¹, estes são os primeiros atores da sociedade, já que as crianças sofreriam uma ação mais passiva frente aos adultos. Os atores ainda afirmam que os

¹⁷ Coleta das ofertas que ocorrem no Domingo de Ramos.

¹⁸ O Vicariato de Porto Alegre é a cidade de Porto Alegre.

¹⁹ SCHÄFFERS, Bernhard *Apud* WELLER, Wivian. A presença feminina nas (sub) culturas juvenis. *Estudos Feministas*. Florianópolis, 13(1): , janeiro – abril/ 2005, p 109.

²⁰ Cf. WELLER, 2005, p 110 e DICK, 2003, p 15.

²¹ LEVI, Giovanni e SCHMITT, Jean Claude. *História dos Jovens*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 4.

jovens têm uma projeção simbólica na sociedade e, muitas vezes, são esperadas deles ações que sirvam para romper com velhas posturas, para fazer renovar o processo coletivo²².

Utilizo o conceito de juventude, no decorrer da pesquisa, pois concordo com a idéia de que se deve denominar de **juventudes**²³ os jovens organizados e com uma luta por objetivos comuns. Dick²⁴ afirma que um dos principais protagonistas sociais do Brasil é a juventude, principalmente o movimento estudantil e a juventude católica organizada.

A palavra protagonista advém de duas palavras de raízes gregas: “proto”, que significa o primeiro, o principal; e “agon,” que significa luta. Protagonista, então, quer dizer lutador principal, personagem principal²⁵. Um dos primeiros autores a usar o conceito de **protagonismo juvenil** foi Antônio Carlos Gomes da Costa, que define:

Protagonismo juvenil é a participação do adolescente em atividades que extrapolam os âmbitos de seus interesses individuais e familiares e que podem ter como espaço a escola, os diversos âmbitos da vida comunitária; igrejas, clubes, associações e até mesmo a sociedade em sentido mais amplo, através de campanhas, movimentos e outras formas de mobilização que transcendem os limites de seu entorno sócio-comunitário.²⁶

Compreendo que o protagonismo juvenil ocorre quando o jovem desenvolve papel de destaque na execução de atividades, não de forma individualizada, uma vez que a participação e a intervenção no contexto social pressupõem atuação coletiva²⁷. Por isso a grande importância do grupo durante todo o processo missionário aqui estudado. Primeiro, de criação de identidade e formação do grupo e, posteriormente, da ação transformadora – missão –, também de forma coletiva.

Entendo que a **formação** recebida pelos jovens durante a fase da Pré-Missão é voltada para o desenvolvimento de sujeitos críticos, ativos. Portanto, é uma formação libertadora. Conforme os pressupostos de Paulo Freire, quando a educação é problematizadora, libertadora, o educando desvela a realidade, resultando em uma inserção

²² LEVI e SCHMITT, 1996. p 12.

²³ Juventude no plural, pois o contexto econômico, social, histórico e cultural são fatores de variabilidade do conceito.

²⁴ DICK, 2003. p 259.

²⁵ Cf. COSTA, Antonio Carlos Gomes da. *O adolescente como protagonista*. Disponível em: <<http://www.adriano.gosuen.nom.br/pmwiki/index.php/Main/ProtagonismoJuvenilOAdolescenteComoProtagonista>>, acesso em 11 de agosto de 2009 e FREITAS, Franklin Francisco S. Os sujeitos da Missão Jovem. In: PASTORAL DA JUVENTUDE DO RIO GRANDE DO SUL. *Missão Jovem no RS: lancemos as redes em águas mais profundas*. CNBB Sul 3. 2003, p 28.

²⁶ COSTA, Antônio Carlos Gomes da. *Protagonismo Juvenil: adolescência, educação e participação democrática*. Fundação Odebrech. Modua Faciendi. Publicações e serviços. Belo Horizonte, 1996, p 90.

²⁷ Cf. LOURENÇO, Clície Aparecida Pereira. O grupo como educador: o protagonismo coletivo. *Redemoinho: revista de rede brasileira de centros e institutos de juventude*. IPJ: Porto Alegre, n.3, set 2008, p 19-21.

crítica²⁸. O curso Escola da Juventude – que formará os jovens missionários – tem como objetivos: os jovens educarem-se em comunhão²⁹ e desafiarem-se a uma ação concreta, ou seja, uma formação na ação, que é a Missão Jovem.

Este curso de formação afasta-se dos modelos que os “movimentos juvenis eclesiais” oferecem. É um curso com um número reduzido de jovens, sem palestras, com uma metodologia bastante vivencial. Tem por referência respeitar e incentivar a autonomia dos jovens, reafirmarem a convicção de que a mudança é possível, sem deixar a alegria e a esperança. Tudo isso faz com que essa formação também tenha concepções de uma pedagogia da autonomia³⁰.

O tipo de formação que acontece neste estudo é uma educação que desestabiliza, que move o jovem educando a uma ação. Conforme Freire: “Quanto mais se problematizam os educandos, como seres no mundo e com o mundo, tanto mais se sentirão desafiados. Tão mais desafiados, quanto mais obrigados a responder ao desafio.”³¹

Utilizo, aqui, a idéia de Freire, para quem o ato educativo é um ato político de transformação da realidade. Nesse caso, então, a formação dá-se, também, na ação; a ação é resultado da formação; a ação visa ser transformadora. A ação é transformadora, sendo a ação missionária, a **missão é transformadora**³². A concepção de Bosch para definir missão também condiz com o quadro teórico que embasa esta pesquisa:

A missão continua sendo uma dimensão indispensável da fé cristã e que, em seu nível mais profundo, seu propósito é transformar a realidade que circunda. A missão, nesta perspectiva, é aquela dimensão de nossa fé que se recusa a aceitar a realidade como esta é e visa transformá-la. “Transformadora” é um adjetivo que descreve uma característica essencial do que significa missão cristã.³³

A observação de campo registrada em meu diário de campo que serviu de base para este estudo foi realizada no ano de 2008 com os jovens do Vicariato de Gravataí.³⁴ O local escolhido pela coordenação da PJ para acontecer a MJ daquele ano foi a Vila Augusta, zona periférica de Viamão.

²⁸ Cf. FREIRE, 1987. p 40.

²⁹ Cf. FREIRE, 1987. p 39.

³⁰ Cf. FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 13 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p 24, p 30, p 29.

³¹ Cf. FREIRE, 1987. p 40.

³² Cf. FREIRE, 1987. p 110-116.

³³ BOSCH, David J. *Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão*. São Leopoldo, RS: EST, Sinodal, 2002. p 11.

³⁴ O vicariato de Gravataí é composto pelos municípios de Gravataí, Cachoeirinha, Alvorada, Glorinha e Viamão.

Como o projeto é adaptado às necessidades exigidas por cada realidade, neste Vicariato, a etapa pré-missão foi unida ao curso de formação denominado “Escola da Juventude (ESCOJU)³⁵.” Esta opção metodológica e pedagógica pela unificação dos dois projetos fez com que o período de formação, ou pré-missão, fosse realizado com lideranças dos grupos de jovens que passaram pelo processo de formação integral e sistemática³⁶, que é um dos princípios metodológicos da PJ, no qual são trabalhadas cinco dimensões da vida dos jovens, visando a uma Formação Integral³⁷.

A mudança na experiência da MJ permitiu analisar a proposta pedagógica e metodológica da PJ, e a Pré-Missão acabou absorvendo toda proposta pedagógica da PJ voltada à educação integral do jovem, com uma proposta metodológica que passou pela experiência, pela vivência.

Baseado nas pesquisas antropológicas foi confeccionado um “diário de campo”, em que eram anotadas as atividades realizadas, assim como as reações dos envolvidos nas atividades e as minhas próprias reações. Vivenciei o curso junto com os jovens, inclusive, por vezes, assessorando momentos de formação. Participei, também, do processo de construção de cada etapa com os jovens da equipe coordenadora. No fim das etapas, foi aplicado um questionário³⁸ em todos os envolvidos para: coletar dados sobre a participação deles nos seus grupos; saber em que fase do processo de formação eles se enquadravam³⁹; como perceberam a proposta pedagógica e metodológica da Formação Integral; as reações e pensamentos frente ao desafio da Missão Jovem e como estas se modificaram ao longo do processo de formação.

A ESCOJU teve duração de três meses (junho, julho e agosto), realizada em finais de semanas, iniciando sexta-feira à noite e encerrando no domingo após o almoço. A MJ realizou-se no mês de setembro.

Durante o tempo da pesquisa, defini três eixos principais, nos quais dividirei o texto: o primeiro refere-se ao período de Pré-Missão, no qual a palavra-chave é *Formação*. Neste eixo, discorrerei sobre as etapas da ESCOJU, as temáticas da Formação Integral, a

³⁵ Curso baseado nos princípios da Formação Integral da PJ para lideranças de grupos de base.

³⁶ PASTORAL DA JUVENTUDE DO RS, 2003. p 37.

³⁷ As cinco dimensões são: a psico-afetiva ou personalização; dimensão psicossocial ou de socialização; evangélica ou mística-teológica; política ou da conscientização; capacitação técnica. Cf. TEIXEIRA, Carmem Lúcia (Org.) *Passos na travessia da fé: metodologia e mística na formação integral da juventude*. São Paulo: CCJ – Centro de Capacitação da Juventude, 2005. p 26 a 31.

³⁸ Modelo do questionário no ANEXO I.

³⁹ Iniciante, militante, animador (a) e assessor (a), respectivamente são: os novos na caminhada de grupo de jovens, os quais já executam tarefas de liderança, aqueles que já passaram pela liderança mas ainda são jovens e ajudam os grupos na caminhada e, por último, “uma pessoa cristã madura, chamada por Deus para exercer o ministério de acompanhar os processos de educação na fé dos jovens, disposta a servir os jovens com sua experiência e teoria, desejosa de compartilhar com eles sua descoberta de Cristo e vivência do Evangelho no seu seguimento” (PASTORAL DA JUVENTUDE DO RS, 2003. p 65).

metodologia utilizada pela equipe para abordar os assuntos, sempre preferindo a experimentação, os papéis desenvolvidos por cada jovem no curso, percebendo, assim, as relações afetivas e de poder que se estabelecem entre os jovens e entre as etapas do curso.

O segundo eixo refere-se ao período da Missão, em que a idéia central é a *Ação*. Analisarei o seguimento do modelo de Jesus Cristo libertador como estímulo na ação desafiadora. Buscarei perceber como os missionários e as missionárias vão construindo seus papéis e, por fim, assumem a realização do projeto e, principalmente, como o desafio é um estimulante ao jovem, que ao mesmo tempo o receia e quer superá-lo. Além disso, identificarei as concepções de missão que a PJ carrega dentro de si e como isso dialoga com os estudos missiológicos.

O terceiro eixo que é da Pós-Missão, o conceito escolhido é o da *Transformação*. Isto será analisado dentro do capítulo voltado a Missão. Se bem realizada a ação missionária, o jovem se modifica, amadurece ao perceber-se capaz de organizar e de executar algo que a princípio parecia muito difícil e assumem novas atividades, novos desafios em seu Projeto de Vida.

Por último, farei um balanço crítico da pesquisa e da exposição feita. Buscando destacar os aspectos mais relevantes do processo formativo, da ação e da transformação vivenciada pelos jovens, assim como as lacunas que o projeto apresenta no seu desenvolvimento. Nos anexos, cinco ilustrações trazem referências a experiência vivida na ESCOJU e Missão Jovem no ano de 2008 no vicariato de Gravataí.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC – Ação Católica

AG – *Ad Gentes* (Decreto sobre atividade missionária da igreja [Vaticano II])

CCJ – Centro de Capacitação de Juventude

CEBs – Comunidades Eclesiais de Base

CLJ – Curso de Liderança Juvenil

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

DA – Documento de Aparecida (V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe)

EN – *Evangelii Nuntiandi* (Exortação apostólica do papa João Paulo II, 1979)

EJC – Encontro de Jovens com Cristo

ESCOJU – Escola da Juventude

ICAR – Igreja Católica Apostólica Romana

JAC – Juventude Agrária Católica

JEC – Juventude Estudantil Católica

JIC – Juventude Independente Católica

JOC – Juventude Operária Católica

JUC – Juventude Universitária Católica

LG – *Lumen Gentium* (Constituição dogmática sobre a igreja [Vaticano II])

MJ – Missão Jovem

PJ – Pastoral da Juventude

PV – Projeto de Vida

1 ESCOLA DA JUVENTUDE: JOVENS FORMANDO JOVENS

Um dos passos do projeto Missão Jovem (MJ) é o período da Pré-Missão. É nesta etapa que se inicia a preparação do que acontecerá nos dias missionários, capacitam-se os jovens e se criam vínculos com a comunidade que receberá a Missão. O subsídio da Pastoral da Juventude do Rio Grande do Sul (PJ do RS), no ano de 2003, inicia explicando essa etapa assim:

Começando a caminhar...

...Eis que envio meu mensageiro à tua frente; ele preparará o caminho diante de ti (Lc 7, 27).

A Pré-Missão é o primeiro grande momento da Missão Jovem e, como tal, merece ser bem preparado. Esse momento corresponde ao tempo de preparação para a Missão propriamente dita. O tempo de duração dependerá do que o grupo achar que for preciso para encaminhar e organizar todas as atividades e passos de preparação dos missionários e também da comunidade onde vai nascer a Missão.⁴⁰

Como expliquei na Introdução, neste estudo de caso, os jovens uniram duas experiências, ficando a etapa preparatória com o curso de formação chamado Escola da Juventude (ESCOJU). Este curso ocorre em três etapas, uma em cada fim de semana, iniciando na sexta à noite e terminando no domingo após o almoço. O curso ocorreu nos meses de junho, julho e agosto e voltou-se para a formação de lideranças dos grupos de base do vicariato de Gravataí⁴¹. O curso observado contou com a participação de 27 jovens cursistas e 10 integrantes da equipe, entre jovens e assessores⁴².

A ESCOJU - como é chamada pelos jovens - é uma experiência que ocorre em várias dioceses, mas, em cada lugar, com um formato diferente. Nessa experiência de três etapas, percebo a tentativa de pôr em prática o método *ver-julgar-agir*⁴³. O primeiro encontro seria o *ver* – dentro de uma perspectiva de conhecer os jovens cursistas e a juventude em geral; o segundo o *julgar* – à luz da cristologia e do olhar político frente ao mundo que é proposto; e, no terceiro, o *agir* – verificando-se como se organiza a pastoral da juventude, seus princípios e suas atividades. Nesta experiência, o *agir* ficou nítido no planejamento e execução da MJ.

⁴⁰ PASTORAL DA JUVENTUDE DO RIO GRANDE DO SUL. *Missão Jovem no RS*. 2003. p 7

⁴¹ Nessa experiência estavam presentes cinco cursistas do vicariato de Porto Alegre.

⁴² Segundo o “Marco Referencial da PJ do RS,” assessores são pessoas adultas que são presença e vivenciam a formação integral do/a jovem, mas mais do que adultas essas pessoas devem ter, segundo DICK em “Carta a Neotéfilo – conversas sobre assessoria para grupos de jovens.,” a vocação do acompanhamento, pois em cada etapa da “Educação na Fé” - que são as etapas de um grupo de jovens - e na “Formação Integral”. Eles têm papéis específicos para auxiliarem o grupo e o jovem (individualmente) a fazer seu processo de amadurecimento na fé. Essa relação será melhor abordada na continuidade desse capítulo.

⁴³ Método herdado da Ação Católica, que busca a localização das dificuldades e a escolha da maneira de agir que conduzia a ação. Metodologia implícita na encíclica de Pio XI. *Ubi arcano Dei* (1922). Hoje o método sofreu uma adaptação e foi acrescentado o verbo *rever* – celebrar.

Uma das primeiras informações que os cursistas recebem, na noite de abertura das atividades, é como se dará o processo de formação. Em cada etapa eles irão abordar temáticas diferentes, contemplando as cinco dimensões da “Formação Integral”: Personalização, Socialização, Consciência Crítica, Mística-Teológica e Capacitação Técnica. É enfatizado, na abertura, que essa “escola” será diferente, que ninguém será chamado de aluno, pois aluno significa sem luz, sem conhecimento, e todos que ali estão terão muito a contribuir, deverão falar muito, expor suas idéias sem medos ou vergonhas. “A ESCOJU é feita por todos e todas!”⁴⁴,

As dimensões da “Formação Integral” e a forma com que elas são abordadas neste curso fizeram-me aproximar essa experiência de um currículo transversal e rizomático que, segundo Gallo⁴⁵, é um processo de produção a partir de múltiplos referenciais, do qual não se pode antever o resultado, além de ser necessariamente singular voltado para a formação de uma subjetividade autônoma. Quero dizer, não pode ser um processo de massa. A construção do curso é realizada, de forma contínua, pela equipe e assessoria que, após cada etapa, reúnem-se para avaliar e projetar a próxima etapa, demonstrando o quanto é difícil vislumbrar esse processo educativo. O curso é para um grupo pequeno de jovens, no máximo 30. Além disso, é uma opção pedagógica da PJ trabalhar com grupos pequenos, pois seria impossível desenvolver a metodologia proposta com um número maior de pessoas.

O processo educativo colocado em prática nesse curso é a confluência de um currículo crítico e de um currículo pós-crítico. Ao mesmo tempo, denuncia uma realidade de exclusão e dominação capitalista, valoriza as culturas juvenis, dá voz às questões de gênero e etnia, sem deixar de buscar conscientização e resistência nos jovens que passam por essa educação comunitária.

Acredito que o currículo de uma educação comunitária, como a ESCOJU, assim como na educação formal, é um “objeto que cria em torno de si campos de ações diversos, nos quais múltiplos agentes e forças se expressam em sua configuração, incidindo sobre aspectos distintos”⁴⁶. Assim como no currículo escolar, no qual diferentes elementos formam o currículo (conteúdo, estratégias pedagógicas, pautas de avaliação), o currículo do curso estudado, para ser melhor analisado, pode ser dividido em: conteúdo, metodologia e a relação educandos e educadores.

⁴⁴ Frase de um jovem da equipe na abertura dos trabalhos, anotações feitas por mim no diário de campo, 13/06/2008.

⁴⁵ GALLO, Sílvio. Disciplinariedade e transversalidade. IN: CANDAU, Vera (Org.) *Linguagens, espaços e tempos no ensino e aprender*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p 177.

⁴⁶ SACRISTAN J. Gimeno. *O currículo: uma reflexão sobre a prática*. 3ª ed. Porto Alegre, 2000. p 101

1.1 Formação Integral: trabalhando as dimensões da personalização, socialização, consciência crítica, mística-teologal e capacitação técnica

Cada uma das cinco dimensões que integram a “Formação Integral” é trabalhada de forma mais enfática em uma determinada etapa, porém elas não podem ser separadas. São dimensões de um mesmo ser: o jovem que passa pelo processo de formação do curso.

A representação gráfica desse processo de formação pastoral⁴⁷ assimila-se com uma rede (um espiral com início comum que se alarga e é costurado enquanto as dimensões se afastam), o que se aproxima das redes representativas das teorias transdisciplinares. “Mais caótico e, portanto, absolutamente não hierárquico e potencialmente mais libertário⁴⁸” é a definição que Gallo dá para a metáfora da rede, que se encaixa perfeitamente com a proposta do curso da pastoral.

A Formação Integral é um dos princípios formativos da Pastoral da Juventude que, no Marco Referencial da PJ Rio Grande do Sul, é apresentada como o terceiro princípio, após a cidadania e a relação de gênero, e antes da família. Nesta referência, aparecem seis dimensões, sendo a vocacional uma específica. Porém, em todos os demais materiais analisados, assim como no curso, a vocacional é um conteúdo da dimensão pessoal:

Uma das grandes descobertas da Pastoral da Juventude é a importância do processo da *formação integral e sistemática*. Além de acreditarmos no processo, acreditamos que há dimensões que não podem ser esquecidas para que se dê a formação integral. Estamos afirmando a dimensão pessoal, social, teológica, política e vocacional, bem como a dimensão que envolve a capacitação técnica.⁴⁹

⁴⁷ TEIXEIRA Carmem Lúcia (Org.) *Passos na travessia da fé: metodologia e mística na Formação Integral da Juventude*. São Paulo: CCJ – Centro de Capacitação de Juventude, 2005 p 35. ANEXO II.

⁴⁸ GALLO, 2001, p 175.

⁴⁹ PASTORAL DA JUVENTUDE DO RS. *Marco Referencial*. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB – Sul 3, Porto Alegre. 2003, p. 37.

1.1.1 A relação do jovem consigo mesmo

Essa dimensão, chamada de personalização ou psico-afetiva⁵⁰, é um amadurecimento pessoal, de que faz parte a aceitação de si mesmo. Segundo Teixeira, “é um esforço de tornar-se pessoa”,⁵¹ isso não ocorre de forma linear ou contínua, são passos cíclicos. Recebem destaques, além do descobrir-se o relacionamento familiar, a sexualidade, a forma da construção das amizades e o discernimento vocacional. O processo inclui:

Autoconhecimento: descoberta dos próprios interesses, aspirações, sentimentos e também limitações. Um ser histórico que pode elaborar um projeto de vida pessoal.

Autocrítica: revisão pessoal e busca permanente de superação, mudanças de atitudes que sejam testemunhas do ideal proposto, coerência de vida; exercita-se o autoperdão.

Autovalorização: descoberta da dignidade como pessoa, aquisição de autoestima e confiança em si mesmo.

Autorrealização: sentir-se amado/a e capaz de amar, saber-se construindo o próprio futuro – opção vocacional e profissional.

Durante o curso, essas questões são trabalhadas ao longo do primeiro fim de semana, junto com as questões da socialização. O conhecer-se está intimamente relacionado com o conhecer o outro e a outra. Na ESCOJU observada, o trabalho do autoconhecimento deu-se através do resgate da história de vida, da escolha do que é mais importante entre os valores de cada um, como os outros me vêem e como quero ser visto pelos outros. Como recurso, usou-se a metáfora das máscaras⁵². A educação integral tem que começar pela descoberta do próprio indivíduo, pois, para realizar uma educação mais solidária e transformadora, é necessário partir do estímulo à autoconfiança e à dignidade humana, além do respeito mútuo, da aceitação do outro⁵³.

⁵⁰ Cf. PASTORAL DA JUVENTUDE DO RS, 2003, p 43 e TEIXEIRA, Carmem Lúcia (Org.) *Passos na travessia da fé: metodologia e mística na Formação Integral da Juventude*. São Paulo: CCJ – Centro de Capacitação de Juventude, 2005. p 26.

⁵¹ TEIXEIRA, 2005, p 26.

⁵² Foi feito um momento de construção de máscaras representando como os outros me vêem e utilizando material diverso: jornal, papel pardo, folhas de ofício e material de colorir – cada um pôde usar a sua criatividade. A dinâmica encerrava com um baile de máscara onde todos eram convidados a explicar o que sua máscara significava e, caso achasse necessário, retirá-la e mostrar-se como queria ser visto e conhecido pelos outros.

⁵³ Cf. WITT, Maria Dirlane. *Esperança e Solidariedade: a educação em tempos de globalização*. In: SCHULTZ, Valdemar (Org.) *Semanas de Criatividade*. Vol. 8, Departamento de Catequese da IECLB. p 19.

1.1.2 A relação do jovem com os outros

A dimensão chamada de Integração ou psicossocial⁵⁴ é a capacidade de descobrir o/a outro/a que queremos conhecer, com quem se deseja comunicar e estabelecer um relacionamento profundo. Como a PJ opta pelo grupo como instrumento pedagógico principal, esse processo é, antes de tudo, um processo que leva à coesão grupal.

Abordar as questões para melhor relacionar-se com o outro é pauta para essa dimensão: “Nessa dimensão são trabalhados os bloqueios à comunicação, com objetivo de estabelecer caminho de conhecimento do/a outro/a, gerando afeição”⁵⁵. Também são abordadas questões mais complicadas do se relacionar com o outro – que é diferente de mim–: questões étnicas, homossexualismo e relações de gênero aparecem ao se trabalhar essa dimensão.

A etapa focada neste trabalho foi a primeira. A aproximação com o outro e a outra começou, já na primeira noite, com atividades de integração que serviram para as pessoas superarem a timidez, apresentarem-se com a dinâmica da festa das cores⁵⁶ e a brincadeira “mia, gatinho”⁵⁷. Durante o curso, buscou-se aproximar as relações entre as pessoas e a superação de preconceitos e medos com atividades que propunham tocar os outros, fazer carinho, olhar nos olhos. A criação de laços de amizade e de confiança foi estimulada através das atividades de partilhar suas memórias de vida com um grupo pequeno. Aqui, aparece a importância da criação de laços entre os jovens, o grupo de jovens como lugar de partilha e crescimento.

⁵⁴ Cf. PASTORAL DA JUVENTUDE DO RS, 2003, p 44 e TEIXEIRA (Org.), 2005, p 27.

⁵⁵ TEIXEIRA, 2005. p 27.

⁵⁶ Atividade de apresentação na qual os jovens têm que escolher uma opção entre quatro de variados objetos: frutas, matérias, estilos musicais, elementos da natureza. Após formarem-se os subgrupos que optaram pelo mesmo objeto, eles devem conversar e apresentar uma resposta para a questão levantada por quem conduz à dinâmica – as questões facilitavam o conhecimento prévio dos participantes -, os grupos troca a cada opção, por isso há uma grande integração entre todos. No término da dinâmica, eles optam por cores e devem se fantasiar com pedaços de papel crepom da cor escolhida, cada cor terá uma atividade para desenvolver: beijar a todos, desejar boa noite, dar um abraço de paz.

⁵⁷ Brincadeira na qual um jovem fica no centro da roda e os outros devem tentar fazê-lo rir imitando um gato.

1.1.3 A relação do jovem com a sociedade

Essa dimensão é denominada política ou de conscientização, ou ainda, consciência crítica⁵⁸. Tem como objetivo ajudar o/a jovem a descobrir o mundo onde vive. Inclui o fomento do senso crítico e a capacidade de analisar a realidade, o discernimento das várias ideologias e o conhecimento da Doutrina Social da Igreja, e de ajudar o/a jovem a integrar a fé com o comprometimento sociopolítico⁵⁹. Essa dimensão vai ao encontro do documento de Puebla que afirma a necessidade de “formar os/ as jovens de maneira gradual para a ação sociopolítica e para as mudanças de estrutura⁶⁰”.

Durante o desenvolvimento dessa dimensão, o jovem dá valor ao fato de pertencer a um povo, supera o sentimento de superioridade e assume seus valores culturais. Assume a opção preferencial pelos pobres como expressão de seguimento fiel a Jesus Cristo encarnado na história. Essa é a dimensão que mais diferencia a Pastoral da Juventude dos movimentos juvenis existentes na Igreja Católica, pois muitos jovens sentem-se atraídos pela inquietação social que vivenciam.

O objetivo é capacitar o jovem “para ser cidadão consciente, sujeito da história nova, com participação crítica, posicionando-se em favor da justiça e da vida digna para todos⁶¹”. O processo que leva à conscientização é apresentado nos seguintes passos:

Sensibilização: o jovem começa a perceber os fatos e tomar atitudes de compaixão e solidariedade – manifestadas, às vezes, por ações assistencialistas.

Conscientização: partindo das pequenas ações para levar os jovens à descoberta das causas estruturais e à realização de ações sempre mais transformadoras, esse processo, de uma consciência ingênua para uma crítica, leva tempo e deve partir das necessidades sentidas, da realidade percebida e das ações realizadas. A formação teórica, aqui com ajuda da mediação das ciências humanas, contribui na compreensão da estrutura social.

Organização – mobilização: esse é o ápice do processo, engajamento na ação organizada do povo pela transformação da sociedade. Segundo o Marco Referencial da PJ do RS,⁶² a militância pode ser realizada tanto no ambiente da Igreja como no âmbito social:

⁵⁸ Cf. PASTORAL DA JUVENTUDE DO RS, 2003, p 44. e TEIXEIRA (Org.), 2005, p 27.

⁵⁹ Cf. CNBB, *Pastoral da Juventude no Brasil*. São Paulo, 1986. (Coleção Estudos da CNBB 44) n° 5.

⁶⁰ PUEBLA 1196.

⁶¹ PASTORAL DA JUVENTUDE DO RS, 2003. p 48.

⁶² Cf. PJ do RS, 2003, p 46.

partidos políticos, movimentos populares, direções de grêmios estudantis, associações de bairros, movimentos ecológicos.

A ESCOJU é um dos momentos formativos da PJ que busca acelerar esse processo, que é lento. Essa dimensão foi enfocada na segunda etapa do curso, que ocorreu na Vila Augusta – Viamão, lugar onde ocorreria, posteriormente, a Missão Jovem.

Os momentos de sensibilização aconteceram quando os jovens saíram e visitaram diferentes localidades. Alguns jovens retornaram emocionados com a situação em que as pessoas moravam – que não era muito diferente da presenciada nos seus bairros de origem. Outros, nas suas falas, culpavam as pessoas pela situação em que moravam: pela preguiça, falta de vencer na vida. Não foi feita nenhuma análise de estrutura ou de sistema econômico por eles.

A conscientização foi proposta logo em seguida ao momento de sensibilização, e foi conduzida pelos assessores. Apresentando questões de economia, contexto histórico e social, levantaram muitas perguntas aos jovens que visitaram as famílias, mas poucas foram as respostas ou as afirmações. Esse momento serviu para deixá-los em crise, desconstruírem seus pré-conceitos. Os trabalhos foram encerrados, nesse dia, com uma dramatização da passagem bíblica em que Cristo impede de apedrejarem uma mulher adúltera (Jo 8, 1-11). Junto a essa mulher estavam muitos excluídos dos dias de hoje: jovem grávida, desempregado, drogado, estudante sem dinheiro, bêbado, assaltante. As falas desses personagens remetiam aos comentários pré-conceituosos que os cursistas tinham usado na socialização da visita. Nesse momento, os cursistas ficaram chocados, perceberam suas opiniões e seus posicionamentos, alguns choraram. A conscientização está muito ligada à próxima dimensão da Formação Integral: a mística-teologal. Elas estão associadas, nesse momento, já que o elemento apresentado, que ensina a agir, é o Cristo.

No dia seguinte, a proposta concreta é apresentada, ou seja, realizar o projeto Missão Jovem naquela realidade por eles visitada. O estranhamento e o desconforto com a proposta são grandes. Muitos jovens, ao serem questionados se estavam preparados para a MJ, responderam que não – 30 % dos cursistas – e justificaram das seguintes maneiras:

Fiquei confusa, pois me achava preparada com a caminhada que já tenho com Cristo, mas acho que para isso precisaria de muito mais conhecimento e porque tenho muito a aprender.

Não sei o que vou falar ou fazer, para quê? Por onde?

Pois eu tenho ainda que me preparar e esclarecer dúvidas pessoais.⁶³

Porém, a maioria aceitou logo o desafio dizendo sim para a proposta da MJ. Eles sentiram-se responsáveis em fazer algo para mudar a realidade vista e sentida:

Porque as vivências desta etapa mostraram que sou capaz (somos capazes), as atividades me ajudaram a perceber isso.

Pois acho que posso mudar o mundo com esse meu jeito.

Pois sei escutar os problemas e, se for preciso, aconselhar.

Porque eu tenho muita vontade de executar essa missão e quando eu tenho vontade me sinto muito segura.

Se eu for bem orientado pela equipe.

Ganhei mais experiência, conhecendo a realidade de Viamão.

Pois já tinha uma experiência de missão e em relação de me comunicar com a sociedade.

Porque tenho um bom tempo de caminhada e com a ajuda da ESCOJU acho que vou conseguir ouvir e falar com as pessoas.⁶⁴

Nas falas desses jovens percebe-se que a autoestima e a confiança em si mesmos estão sendo despertadas: esse sentimento ficará muito claro na conclusão do projeto. A avaliação, por eles preenchida, valoriza muito a participação de todos e a de cada jovem, sendo fundamental para a realização bem-sucedida do projeto:

A minha participação é importante porque somos parte de um grande grupo, onde cada um exerce sua função.

Quanto mais pessoas ajudarem o mundo vai melhorar, e todos têm importância, cada um na sua área.

Porque todos têm um papel fundamental na missão, e se eu quero (mudar o mundo) vou à luta pra conseguir.⁶⁵

Percebe-se, portanto, que em poucos dias de um curso vivencial e com uma proposta concreta apresentada, os jovens passam de um processo de sensibilização para um momento de organização e mobilização. E, no final, conseguem se perceber capazes de fazer a diferença num contexto que eles não acreditam ser o ideal.

⁶³ Frases dos cursistas ao responderem o questionário avaliativo da etapa. A pergunta específica foi: “Você se sente preparado (a) para a Missão Jovem?” Essas perguntas foram respondidas no final da segunda etapa.

⁶⁴ Idem.

⁶⁵ Frases dos cursistas ao responderem o questionário avaliativo da etapa, na qual a pergunta específica foi: “Você acredita que sua participação é importante?”. Essas perguntas foram respondidas no final da quarta etapa, ou seja, no final da Missão Jovem propriamente dita.

1.1.4 A relação do jovem com Deus

A dimensão místico-teológica ou evangelização⁶⁶ é o processo de “educação na fé”: da vivência e fundamentação da fé no jovem, do encontro com a pessoa de Jesus Cristo, sua prática, seu Projeto e seguimento em comunidade. Por fim, o jovem descobre a comunidade eclesial como lugar de alimentar e celebrar a vida na fé. O objetivo é integrar a fé na vida.

O jovem, que percorreu todas as dimensões do processo de formação integral na fé, sente-se capacitado para assumir o compromisso de testemunhar a sua fé, no seguimento de Jesus Cristo, como também de anunciar a Boa Notícia de Jesus; para assumir a militância política na fé e militância catequética. Assume o compromisso cristão firme e conseqüente, vivenciado como opção pessoal, expresso na participação comunitária e na sua ação transformadora, segundo seu projeto de vida.⁶⁷

Os passos do processo de evangelização, segundo Passos na Travessia da Fé⁶⁸, são os seguintes:

Pré-evangelização: implica em sensibilizar e inquietar, desmistificar as imagens de Deus e da Igreja, cristalizados na infância, questionar a superficialidade de sua fé e despertar admiração e desejo de iniciar um caminho em grupo para seu crescimento nesta.

Re-evangelização: é um anúncio de Jesus Cristo. Esse passo deve levar à conversão manifestada por mudança de mentalidade e de vida, adesão a Cristo Libertador e seu Reino e a consciência de ser Igreja, optando por seguir a Cristo na comunidade.

Iniciação na comunidade de fé: trata-se de aprofundar, manifestar e celebrar, comunitariamente, a primeira conversão de maneira mais madura e participativa. O jovem manifesta que é Igreja e amadurece o sentido de sê-lo em três campos:

1. Catequético – aprofundar os temas e compreender mais os conteúdos da fé;
2. Litúrgico – celebrar com o povo os momentos fortes;
3. Profético – confronto da vida (pessoal e social) com o evangelho; anúncio e denúncia e ação solidária com os pobres.

Compromisso apostólico: expressa a plena inserção na Igreja e no serviço ao mundo, como fruto de uma atitude de busca da vontade do Pai ao estilo de Jesus. Esse compromisso

⁶⁶ Cf. PASTORAL DA JUVENTUDE DO RS. 2003 p 45. e TEIXEIRA, 2005, p 27.

⁶⁷ PASTORAL DA JUVENTUDE DO RS. 2003, p. 49.

⁶⁸ Cf. TEIXEIRA, 2005, p 28-29.

poderá ser dado na comunidade eclesial: laico, vida religiosa ou ministério ordenado, ou, ainda, no serviço profético dentro dos organismos intermediários da sociedade.

O trabalho de desenvolver essa dimensão é enfatizado no segundo fim de semana da ESCOJU. Porém, já foi iniciado, anteriormente, na comunidade, grupo ou família da qual o jovem é proveniente.

Na ESCOJU observada, na primeira etapa, percebeu-se uma inquietação de alguns jovens pelo modelo de Igreja vivenciado no curso, culminando no modelo celebrativo adotado. Um jovem não continuou o curso, pois o coordenador de seu grupo, ao saber que não teve celebração eucarística durante a etapa, proibiu-o de prosseguir.

Pôde-se perceber que o processo de re-evangelização deu-se no sábado à tarde, após as visitas. Foi um momento de estudo, mais falado e menos dinâmico, porém não deixou de ser questionador e formativo. Foram estudados e analisados os grupos sociais, a realidade econômica, o poder político no contexto histórico da vida de Jesus Cristo. Poucos cursistas tinham conhecimento sobre esses assuntos.

O processo de iniciação na comunidade de fé ocorre com os jovens da equipe, pois são eles que estão percebendo a necessidade de aprofundar seus conhecimentos, de transformar suas vidas para que sejam coerentes com a proposta cristã que estão fazendo⁶⁹. A observação feita na segunda etapa no Diário de Campo confeccionado nesta pesquisa revela bem essa descoberta:

Chamou-me atenção a fala dos meninos da equipe que ensaiavam comigo a encenação sobre a História da Salvação: “é, tenho que buscar ler mais a Bíblia, ler livros e estudos sobre a Bíblia, para poder passar para os outros”. – A preocupação deles, além de crescer individualmente, é que eles têm agora a responsabilidade de ser a equipe, de falar aos outros, de saber não só para suas necessidades e interesses, mas para ensinar, passar aos outros.⁷⁰

Alguns jovens, os mais velhos do grupo de cursistas e equipe, questionaram-se, ao longo das etapas, também, sobre a dimensão vocacional. A possibilidade da entrada na vida religiosa foi problematizada pelo menos por duas jovens. Apareceu mais o interesse ou aprofundamento, entre os cursistas, no engajamento de organismos intermediários da sociedade, principalmente nos partidos políticos. Uma parcela dos cursistas e da equipe – cinco jovens – era envolvida nas juventudes de partidos políticos.

A proposta teológica e mística será aprofundada no segundo capítulo, pois analisarei como a Pastoral da Juventude realiza a teologia de libertação no contexto atual.

⁶⁹ Alguns jovens da equipe dividiram comigo certas angústias sobre seus relacionamentos afetivos, seu futuro profissional, incertezas sobre o futuro, e se estão coerentes com o seguimento de Jesus Cristo.

⁷⁰ Anotações do diário de campo, p 18.

1.1.5 A capacitação técnica

A dimensão que corresponde à capacitação técnica / metodológica é para auxiliar as lideranças juvenis a responder a questão “Como fazer?”. O objetivo é capacitar o jovem para o exercício da liderança e da coordenação democrática nos grupos, organizações. O processo como um todo é compreendido nos seguintes passos⁷¹:

Participação: Momento de fazer o jovem conseguir “recuperar a palavra”, já que na família, escola, igreja e sociedade o jovem tem sua participação desestimulada e mesmo inibida. O grupo é o lugar de aprender a participar, trabalhar em conjunto. Essa fase deve ser desenvolvida no grupo de jovens.

Ação – coordenação: é a partir da participação, assumindo pequenas tarefas no grupo, que o jovem passará, progressivamente, a ser capaz de liderar ações e coordenar atividades. O Marco Referencial da PJ define a ação da seguinte forma: “é uma necessidade especial dos jovens e um instrumento pedagógico privilegiado”⁷².

Planejamento – organização: o processo de capacitação deve se aprofundar a ponto de o/a jovem ser capaz de orientar a organização da ação grupal e, depois, contribuir eficazmente na organização da comunidade e da sociedade de modo democrático e participativo.

Esta dimensão foi desenvolvida na última etapa da ESCOJU, a terceira, em que a identidade e os princípios da PJ foram trabalhados e o planejamento e organização do grande desafio “Missão Jovem” teve destaque. No curso, foi trabalhada a história da juventude desde a década de 1950, quando, segundo historiadores,⁷³ a juventude como ator social surge na sociedade brasileira. Dentro desse contexto, dá-se o surgimento das primeiras organizações juvenis religiosas (Ação Católica), a relação destes organismos com a ditadura militar e, no período da abertura política, a articulação da PJ.

Durante a última etapa, é enfocada a PJ, o que a distingue de outras organizações juvenis católicas, seus princípios metodológicos, organizativos, formativos. Explica-se, rapidamente, a organização nacional e estadual da PJ. É estudada, com mais tempo, a formação integral, as características que eles devem trabalhar para serem bons coordenadores de grupos de jovens. O objetivo é fazer com que no fim dessa etapa eles saiam com a

⁷¹ Cf. TEIXEIRA, 2005. p 38.

⁷² PASTORAL DA JUVENTUDE DO RS. 2003, p. 49.

⁷³ Cf. PEREIRA, Carlos Alberto. *O que é contracultura?* São Paulo: Brasiliense, 1983; BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997, p 607 – 639.

identidade “pejoteira”⁷⁴ bem clara e definida, para assumirem, ou não, a proposta e o trabalho pastoral.

Os jovens da equipe, em sua grande maioria, mostravam-se muito curiosos com os assuntos que os cursistas ainda não compreendiam direito, tais como a organização regional (estadual) e nacional da Pastoral da Juventude e a relação da PJ com as Pastorais Juvenis específicas: Pastoral da Juventude Rural, Pastoral da Juventude do Meio Popular e Pastoral da Juventude Estudantil. Essas questões, interesses e dúvidas foram sanados na preparação da celebração onde eles deveriam encenar o encontro de jovens oriundos de cada Pastoral da Juventude específica. Quem os auxiliou nesse esclarecimento foi a assessora que os acompanhava.

Mas, para os cursistas, a grande formação deu-se mesmo com o planejamento e organização da Missão, e isso foi realizado totalmente em conjunto entre equipe e cursistas. Após essa etapa, apenas uma jovem preencheu o questionário como “não preparado” para a MJ e justificou: “Ainda não me sinto totalmente preparada, mas em relação às outras etapas, sim”⁷⁵. Todos os demais colocaram que estavam preparados para a realização da MJ e, ao serem questionados sobre o que a Missão poderia colaborar na vida deles, as respostas demonstraram a integração entre todos do curso e a valorização da participação de cada um e cada uma:

A terceira etapa foi verdadeiramente a finalização de nossa formação, integrando equipe com os antigos cursistas, que a partir dessa etapa passaram a ser missionários.

Me ensinar a ouvir os outros e também compartilhar minhas ideias com o resto do grupo.

Meu desenvolvimento, entendimento, reconhecimento e valorização.

Respeito de cada um e da vida.

Capacidade de me impor nas coisas certas.⁷⁶

Após o processo de Formação Integral proposto e realizado nessa ESCOJU, os jovens estavam sentindo-se capazes de enfrentar o desafio que lhes tinha sido proposto na segunda etapa: organizar e realizar a MJ. Tinham recebido uma formação diferenciada, tanto no conteúdo, quanto no método, também – o qual veremos melhor no próximo item. Ao

⁷⁴ Assim como todos os grupos juvenis, na PJ criam-se gírias próprias, definições que só têm significado dentro do grupo, como o caso do adjetivo pejoteiro(a) que significa: fazer parte da PJ, caracteriza os membros da PJ.

⁷⁵ Questionário respondido pelo jovem cursista no final da terceira etapa, 17 de agosto de 2008.

⁷⁶ Idem.

mesmo tempo, a ação sequencial do momento formativo – a MJ – os deixou com expectativas para verificar se a capacitação fora eficiente.

Percebo que a Formação Integral vai ao encontro dos quatro pilares propostos por Delors⁷⁷ no documento da UNESCO. Segundo o relatório, a educação ocorre ao longo da vida do indivíduo, considerando-o em toda a sua plenitude, na sua totalidade, portanto, deve ser integral. Os conhecimentos devem ser organizados em torno de quatro aprendizagens:

aprender a conhecer, isto é adquirir os instrumentos de compreensão; *aprender a fazer*, para poder agir sobre o meio envolvente; *aprender a viver juntos*, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente *aprender a ser*, via essencial que integra as três precedentes.⁷⁸

A dimensão da personalização e da mística-teologal é uma forma de *aprender a ser* para o jovem cursista, assim como, o *aprender a conviver* é totalmente relacionado com a dimensão da integração e o *aprender a conhecer*, com a dimensão da consciência crítica. O *aprender a fazer*, para agir com o meio, pode ser relacionado com a capacitação técnica e a ação no meio específico com a Missão Jovem.

A ESCOJU, portanto, já atende aos pressupostos recomendados pela UNESCO de ampliar a educação, fortalecendo o potencial criativo. Pelo o que pude perceber no curso, os jovens já passam por uma formação de diferentes aprendizagens – que pode ser relacionada tanto à Formação Integral quanto aos quatro pilares de Delors – e, na prática, alcançam os resultados de despertar o jovem e sua criatividade.

Ao analisar o conteúdo que permeia do início ao fim a ESCOJU, percebe-se que esse curso também tem como resultado o amadurecimento da fé. O jovem adolescente consegue transpor a fé infantil, assumindo uma fé adolescente e se encaminhando para uma fé juvenil.

Segundo Fowler, o estágio 2 da fé é o mítico-literal ou infantil, pois tem característica de assumir o pertencimento a uma comunidade, sendo as crenças associadas às regras morais e interpretações literais⁷⁹. Já que o estágio 3, o sintético-confessional, pode ser relacionado com a adolescência, pois é quando a experiência de mundo amplia-se e a fé precisa fornecer uma base e uma identidade para a pessoa. É quando a pessoa adquire um certo grupo de ideologia, mas não tem consciência de possuí-la⁸⁰.

⁷⁷ Cf. DELORS, Jacques (Org.). *Educação: um tesouro a descobrir*. 2 ed. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC/UNESCO, 1999.

⁷⁸ DELORS, 1999. p 90.

⁷⁹ Cf. FOWLER, James T. *Estágios da Fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca do sentido*. São Leopoldo: Sinodal, 1992. p.128-129

⁸⁰ Cf. FOWLER, 1992. p.146-147.

A PJ, em seu curso, auxilia o jovem a questionar as práticas repetidas por ele pelo fato de, simplesmente, participar na comunidade e na família e reconstruir sua crença, fazendo-a parte de sua identidade. Na ESCOJU, ao desenvolver a consciência crítica, o jovem questiona sua bagagem tradicional e faz uma reflexão sobre a realidade e a identidade religiosa para, depois, assumir suas crenças de forma madura. Assim, os cursistas acabam encaminhando-se para o estágio da fé juvenil-adulta⁸¹, a fase do profetismo, da denúncia e da ação frente àquilo que acreditam não estar de acordo com sua fé.

Ao realizar essa formação, a PJ prepara os jovens a seguirem sua caminhada dentro ou fora da Igreja, em sua vida adulta, de uma forma relativa e universalizante, ou seja, com uma fé madura e reflexiva frente ao mundo. Sendo assim, no futuro, as ações de quem conseguiu fazer esse processo não serão pautadas pela defesa de sua crença, do seu movimento, da sua Igreja e, sim, pela defesa da humanidade, do planeta, da vida.

1.2 Existe uma escola que se aprende a navegar sobre as nuvens e a cavalgar sonhos ao invés de olhar para o quadro-negro meio dormindo⁸²

A metodologia usada durante todo o curso de formação ESCOJU diferencia-se dos cursos oferecidos pelos chamados “movimentos juvenis⁸³” da ICAR, pois estes seguem uma educação bancária, onde o jovem é um espectador, sem opinião, que deve absorver as informações – anotando em cadernos e prestando atenção no que é conferido em palestras ministradas, em sua grande maioria, por pessoas adultas. Ou seja, o jovem é uma folha em branco que deve incorporar na sua educação as informações que lhe são dadas.

A ESCOJU, entretanto, trabalha com uma educação mais vivencial, experimentada, com diversas metodologias, como: dinâmicas, elementos artísticos (teatro e música), debates, saídas de campo, momentos de reflexão e estudos individuais, assim como momentos de trabalho coletivo e festas.

⁸¹ Cf. FOWLER, 1992. p 151-156, também chamada de estágio indutivo-reflexivo.

⁸² Esse título foi inspirado no livro *Escola dos Meninos Felizes*, de Grudun Pausewang, com o qual foi feita a abertura da ESCOJU nos anos de 2004 a 2006 no vicariato de Porto Alegre. Acredito que essa frase traz a idéia da quebra do modelo escolar convencional que pretendo analisar nesse subcapítulo.

⁸³ Esses cursos surgiram no Brasil durante o período da ditadura militar inspirados no Concílio da Crisandade – curso europeu para casais. Os mais conhecidos são o CLJ (Curso de Liderança Juvenil) e o EJC (Encontro de Jovens com Cristo) e Emaús.

1.2.1 O recurso da dinâmica

Durante todas as etapas do curso, é utilizado o recurso de dinâmicas. Em cada momento, elas têm funções específicas. São usadas dentro de uma proposta, não são “brincadeiras” sem propósito. Isso é importante para que os jovens percebam a seriedade e participem da atividade de forma interessada.

Durante a primeira etapa, elas foram fundamentais para integrar o grupo, apresentar as pessoas e criar uma unidade no grupo. A afirmação que segue refere-se ao resultado com o uso da dinâmica no ensino religioso, mas ela pode ser utilizada para descrever o processo ocorrido na ESCOJU:

Quando trabalhamos com dinâmicas, a rigidez inicial de educandos e educandas, aos poucos, vai dando lugar para os olhares, as escutas, o diálogo, a troca de saberes. O fechamento inicial vai cedendo espaço para o convívio e o (re) conhecimento. A dinâmica parece atenuar resistências, possibilitando ao educando e à educanda olhar para sua própria história de vida. A partir daí, cada qual pode compreender melhor seu presente e compartilhar com colegas sua experiência religiosa, possibilitando a troca de saberes e revelando uma riqueza nem sempre percebida.⁸⁴

As dinâmicas iniciais foram fundamentais para romper com a rigidez, a timidez, para quebrar os “grupinhos” e integrar os que estavam sós. O número de jovens por grupo é pequeno, são duplas, no máximo trios, e alguns sozinhos, que vêm representar seus grupos. Isso é estabelecido pela equipe para poder atender a mais grupos de jovens e fazer com que o grupo de cursistas não seja muito grande. Metade dos cursistas respondeu, no questionário do final da primeira etapa⁸⁵, que foi realizada nessa fase a integração entre os jovens, e isto ocorreu pelo uso de dinâmicas de socialização.

No mesmo questionário, a maioria do grupo destacou como a atividade mais interessante da etapa, justamente, as dinâmicas que visam à aproximação com o outro, a quebra de barreiras, de medos, de viver e conviver. As dinâmicas do toque, do olhar, do corredor do carinho, como são chamadas, visam transpassar os limites impostos na nossa sociedade, que erotiza de tal forma o corpo que as manifestações afetivas entre as pessoas praticamente transformaram-se em tabus, ou só podem ser realizadas com interesses físicos.

Cito uma parte do diário de campo sobre a dinâmica do toque e do olhar. Alguns reagem com dificuldade, um jovem se retira da atividade, mas ele não tem obrigação de realizar a atividade, retornará para a sala quando terminar esse momento. Acredito que só foi

⁸⁴ WITT, Maria Dirlane e PONICK, Edson (Coords.) *Dinâmicas para o Ensino Religioso*. São Leopoldo: Sinodal, 2008. p 7.

⁸⁵ A pergunta é “O que foi realizado nessa etapa?”. Não havia alternativas para essa resposta.

possível realizar essas atividades porque o grupo já estava bastante integrado desde a primeira noite. Os jovens tinham passado por momentos de resgate da sua história (personalização) e podiam, assim, conviver com outros ou outras (socialização) de forma mais aberta.

Pedi pra eles sentarem em frente de um colega, ali mesmo no chão, sobre as almofadas como já estavam. Pedi para tentarem evitar os risos – pois eles são fugas que não nos permitem viver o momento. Eles fazem a atividade, no primeiro momento estão mais tímidos, arredios, mas aos poucos vão fazendo, vão se concentrando. Peço para eles olharem no fundo dos olhos da pessoa, entender o seu olhar, tentarem ver o que ela passa pra ti. Demonstrar com o olhar, carinho. Vou começando com os toques, peço que ao olhar nos olhos do outro peguem na mão do colega, que façam carinho na mão, que sintam a mão do outro, que segurem a mão, de mãos dadas. Peço que façam carinho na cabeça do outro, um cafuné, algo bom que passe cuidado. O carinho passa pelo rosto, bochecha, nariz, testa, boca, e termina com um abraço e um beijo no colega. Quando dizia a nova atividade que deviam fazer, alguns risos eram escutados. As duplas de meninos tinham mais dificuldades de realizar as experiências, os toques. Um menino saiu da sala, mas foi de forma muito sutil, os outros nem perceberam, aí um da equipe formou par com aquele que ficou só. O restante do grupo ficou fazendo o momento na sala, mesmo que não conseguindo fazer tudo, ficaram juntos, ficaram “experienciando”. Depois pedi para formarem dois círculos, um de frente pro outro, a função agora era segurar a mão do outro e olhar nos olhos do outro, rezar pelo outro, passar uma mensagem pelo olhar. Foi feito de forma que todos olhassem todos. Em cada um que se parava eu falava algo pra ajudar a motivar o momento, alguma mensagem que devia ser mandada pelo olhar, ou observações que deviam ser feitas no olho do outro. Algumas risadas eram inibidas pelos cursistas ao trocarem de pares, mas na grande maioria eles estavam compenetrados e fazendo a experiência de trocar sentimentos e compreender o outro apenas olhando nos olhos e segurando as mãos do outro.⁸⁶

Segundo Freire,⁸⁷ a prática de aprendizagem necessita passar pelo corpo, se ela não for encarnada, como a palavração, em nada ela significa. Como vemos o mundo através do corpo e a experiência que passa por ele, ela marca e transforma o ser aprendente. Por isso, marcou tanto para os jovens essas dinâmicas. Eles vivenciaram uma experiência amorosa, e não existe educação humanizadora e libertadora sem afetividade. Morin afirma que a afetividade é um dos sete saberes necessários para a educação do futuro:

O desenvolvimento da inteligência é inseparável do mundo da afetividade, isto é, da curiosidade, da paixão, que, por sua vez, são a mola da pesquisa filosófica ou científica. A afetividade pode asfixiar o conhecimento, mas pode também fortalecê-lo. Há estreita relação entre inteligência e afetividade: a faculdade de raciocinar pode ser diminuída, ou mesmo destruída, pelo déficit de emoção.⁸⁸

⁸⁶ Diário de campo produzido por mim durante a primeira etapa da ESCOJU, entre 13 a 15 de junho de 2008.

⁸⁷ Cf, FREIRE, Paulo. Conhecer, praticar, ensinar os evangelhos. *Tempo e presença*, Rio de Janeiro, v 154, p 7 out 1979.

⁸⁸ MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. S Paulo: Cortez/UNESCO,2003. p 20.

1.2.2 O fazer arte

Durante todas as etapas da ESCOJU, os jovens da equipe utilizaram recursos artísticos para sensibilizar os jovens em algum assunto, ou mesmo para a conclusão de alguma atividade. Durante o curso, quem realiza as teatralizações e toca as músicas são os jovens da equipe, todos de alguma forma participam dessas atividades. O envolvimento dá-se de forma gradual no decorrer do curso. Durante a realização da MJ propriamente dita, quem assume esse papel também são os cursistas.

Desde a primeira noite da primeira etapa, intervenções teatrais são realizadas. Na primeira etapa, uma das atividades de abertura, “Pássaro sem cor⁸⁹,” foi dramatizada com a participação dos cursistas. No sábado, para o trabalho com as máscaras,⁹⁰ foi encenada a passagem bíblica de Jesus e a mulher samaritana no poço⁹¹. Na segunda etapa, a História da Salvação⁹² e a passagem do apedrejamento da mulher adúltera⁹³, adaptada aos dias de hoje⁹⁴, também foram encenadas. Foram utilizados esquetes teatrais que interagem com os cursistas para trabalhar a história da juventude⁹⁵ – da década de 1950 até os dias de hoje –, os tipos de coordenadores de um grupo de jovem⁹⁶ e a organização nacional da Pastoral da Juventude no Brasil⁹⁷, na terceira etapa.

Paralelamente ao teatro, a música, que fala muito aos jovens, foi amplamente utilizada, entre elas as músicas “pejoteiras”, de autoria de padres, religiosos e jovens falam

⁸⁹ Texto que conta a história de um pássaro que para descobrir que era colorido precisou-se permitir alçar novos vãos e fazer o bem.

⁹⁰ Nessa atividade os jovens confeccionam máscaras que representam preconceitos ou atitudes que eles acabam adotando ou recebendo dos outros.

⁹¹ Nessa passagem bíblica, Cristo, ao encontrar-se com a Samaritana, tira as máscaras – com as quais ela se esconde – do preconceito, da dúvida e do comodismo, Cf. Jo 4, 1-30.

⁹² A história do povo Hebreu (que foram os cursistas) sendo conduzido por Abraão, na escravidão do Egito, o Êxodo guiado por Moisés, o período dos Reis (representado por Davi) e os profetas (identificados por Jeremias). Esses personagens foram encenados pelos integrantes da equipe.

⁹³ Jo 8, 1-11

⁹⁴ Essa dramatização ocorre depois que muitos excluídos de hoje (jovem grávida, jovem sem poder pagar a faculdade, pai desempregado, drogado, prostituta, assaltante) contracenam com os cursistas, dialogam, pedem ajuda numa sala escura.

⁹⁵ Para contar a história das organizações juvenis na ICAR e fora dela, conversam em uma cena uma jovem recatada da década de 1950 com um jovem revolucionário da década de 1960. A cena seguinte é uma hippie da década de 1970 conversando com um jovem ‘certinho’ da década de 1980. A última cena é uma jovem da PJ conversando com um jovem “funkeiro” – anos 2000.

⁹⁶ O coordenador autoritário, o coordenador que deixa toda a responsabilidade para os outros e o coordenador democrático são dramatizados pela equipe que está sentada junto com os cursistas e todos estão, teoricamente, na mesma reunião do grupo de jovens, portanto eles também participam com falas e intervenções.

⁹⁷ Jovens que representavam ser da Pastoral da Juventude Rural, da Pastoral da Juventude do Meio Popular, da Pastoral da Juventude Estudantil e da Pastoral da Juventude se encontravam e conversavam como estavam acontecendo seus trabalhos pastorais e explicavam suas especificidades e suas semelhanças.

das lutas, da construção de um novo mundo, da participação da juventude. Essas letras são cantadas durante todo o curso, mas, principalmente, na terceira etapa, onde se pretende fortalecer a identidade “pejoteira” nos jovens cursistas. Destas músicas, quero destacar duas: “O Mesmo Rosto”, do padre Jorge Trevisol, e “Alma Missionária”, da qual não descobri o compositor. Elas foram cantadas durante todas as etapas e, constantemente, levando aos jovens a emoção, seja euforia, seja tristeza. As duas letras trazem referências à juventude e desafia-lhe a uma função, acreditando nela para exercer uma atividade muito importante, como guardar o amor ou ir ao encontro dos que precisam:

[...] Enquanto existir um raio de luz. E uma esperança que a todos conduz. Persiste a tristeza marcada no chão. Ternura e beleza não acabarão. Pois a juventude que sabe guardar, do amor e da vida não vai descuidar.

O rosto de Deus é jovem também, e os sonhos mais lindos é ele quem tem. Deus não envelhece tampouco morreu continua vivo no povo que é seu. Se a juventude viesse a faltar o rosto de Deus iria mudar.⁹⁸

Senhor, *toma minha vida nova* antes que a espera desgaste anos em mim estou disposto ao que queiras não importa o que seja Tu chamas-me a servir.

Leva-me onde os jovens⁹⁹ necessitem Tua palavra, necessitem de força de viver, onde falte a esperança, onde tudo seja triste simplesmente por não saber de ti.¹⁰⁰

Músicas populares também foram significativas para os cursistas, foram cantadas inúmeras vezes, em momentos de extrema euforia, com o grupo todo em círculo, pulando e cantando freneticamente, como no refrão, “A semana inteira fiquei esperando pra te ver sorrindo, pra te ver cantando. Quando a gente ama, não pensa em dinheiro, só se quer amar”¹⁰¹. Assim como as músicas do Cidadão Quem: “Se alguém, já lhe deu a mão e não pediu mais nada em troca. Pense bem, pois é um dia especial.”¹⁰² e “foi pouco tempo, mas valeu, vivi cada segundo, quero o tempo que passou.”¹⁰³ Esta última frase foi usada por um integrante num site de relacionamento da internet com um recado carinhoso para todos que estavam na Escola.

Na ESCOJU, cantou-se e dançou-se muito, não só nos momentos de animação durante as atividades, mas também durante as festas organizadas nos sábados à noite da primeira e da última etapa. Essas festas tiveram uma importância muito especial para o

⁹⁸ O mesmo Rosto, composição do Padre Jorge Trevisol, letra retirada do folheto de cantos entregue para cada cursista.

⁹⁹ A letra da música, no original, é “Leva-me onde os homens...”, mas no material da PJ a palavra homens foi substituída por jovens.

¹⁰⁰ “Alma Missionária”, não consegui descobrir a autoria da música, grifo meu.

¹⁰¹ “Não quero dinheiro”, composição do Tim Maia.

¹⁰² “Dia Especial”, composição de Duca Leindecker.

¹⁰³ “Os Segundos”, composição de Vinicius e Dimitri Gutierrez.

convívio e para a diversão destes jovens que, assim como os demais jovens da sociedade, fazem festas e saem para se divertir, principalmente no sábado à noite.

Na realização da Missão Jovem, os cursistas elaboraram um teatro dentro da temática escolhida por eles para a MJ. O teatro foi encenado tanto por cursistas como por jovens da equipe. Todos se produziram com maquiagem e figurino representando a vida e a morte que o jovem pode escolher e construir em sua caminhada.

Foi organizada uma oficina de teatro, na qual os jovens cursistas e os jovens que vieram para a tarde de atividades apresentaram esquetes. E a tarde foi animada pela ESCObanda, assim denominada por eles, um grupo de meninos – integrantes da equipe e cursistas – que montaram uma banda durante a terceira etapa e acabou animando a festa da última etapa da ESCOJU e a tarde da MJ. Estas atividades foram bastante significativas para os jovens missionários. Dos 28 questionários respondidos no final da quarta etapa, a etapa missionária, 24 responderam que, nessa etapa, as atividades mais interessantes foram o teatro, as músicas e a dança.

1.2.3 Deserto e comunidade

Alternavam-se, durante todo o curso, diferentes formas de levar os jovens à reflexão e à avaliação de suas vidas. Podemos dividir em dois tipos de atividade: o momento do deserto e o momento da comunidade.

O deserto é inspirado no lugar bíblico, por onde o povo hebreu precisou caminhar e passar por provações (Cf. Êxodo). Da mesma forma, Jesus também permaneceu um tempo suficiente no deserto para conseguir afirmar seus objetivos e sua missão (Cf. Mt 4, 1-11). No sábado da primeira etapa, os cursistas são convidados a experimentar o deserto. Após a explicação sobre o seu sentido bíblico, eles receberam um pedaço de pão e um copo de água para retirarem-se ao local que desejassem e, em silêncio, pensassem na história de suas vidas, nas pessoas, nos fatos, desde o mais remoto até hoje em dia e anotassem o que achassem necessário. O deserto repetiu-se na atividade em que deveriam listar as coisas que eram mais importantes na vida deles.

Os momentos individuais eram intercalados por momentos vividos em grupo, as comunidades. Estas foram escolhidas pela equipe, com o objetivo de misturar os cursistas, separar pessoas que vinham da mesma paróquia e integrar tímidos com comunicativos. Estas

pequenas comunidades, que serviam para os jovens partilharem seus sentimentos, suas reflexões, foram denominadas de “os anjos”. Os anjos tinham a função de rezar pelos integrantes de seu grupo, partilhar as reflexões sobre suas histórias de vida, na primeira etapa, e irem juntos visitar a comunidade onde aconteceu a segunda etapa.

Na segunda etapa, é em companhia dos anjos que os cursistas e a equipe irão fazer a visita à comunidade Vila Augusta, colocar o pé no barro, conhecer a realidade onde se deu, na quarta etapa, a Missão Jovem:

Fomos conhecer os arredores de duas comunidades. Fomos a pé, seguimos por uma via que tinha um valão no centro, esta era asfaltada, mas todas as demais ruas paralelas e perpendiculares eram de chão batido. Essa saída em missão foi feita em pequenos grupos pela comunidade, mas todos que estavam em caminhada iam de duplas ou trios. Alguns enganchados uns nos outros, outros apenas lado a lado. Em alguns momentos, a conversa sobre o lugar ou sobre a vida de algum ganhava a participação de todos. Muitas brincadeiras eram feitas na caminhada, mas também muita partilha de vida: trabalho, namoros, escola, festas etc. Logo o grupo percebeu que além de não ter asfalto a cidade tem esgoto ao céu aberto, e ruas bastante íngremes. Tivemos que subir muita ladeira e com muita estrada de chão batido.¹⁰⁴

1.2.4 Os lugares de cursar

Ao longo do curso, e conforme o grupo consegue construir o seu conceito do que é a Missão Jovem, uma frase é usada por todos: “é lugar de missão!”. Usa-se para se referir a lugares onde se deveria fazer um trabalho mais inserido, conhecer a realidade. Também usávamos essa referência para periferias, assim como para lugares com problemas estruturais, lugares em que falta infraestrutura.

Usando da mesma lógica, os lugares em que a ESCOJU ocorre “são lugares de cursar”. A primeira e a terceira etapas ocorreram no mesmo lugar: centro de pastoral da paróquia Nossa Senhora do Caravaggio¹⁰⁵, enquanto a segunda e a última (a Missão propriamente dita) foram na comunidade Santo Agostinho, da rede de comunidades Santa Cruz – utilizamos, na segunda etapa, o Centro de Pastoral e, na quarta, a escola Municipal Luciana de Abreu.

O espaço do centro de Pastoral da Caravaggio era simples, com salas à disposição para os trabalhos. As salas sempre eram dispostas sem cadeiras, com almofadas ou cobertores no chão formando círculos. Utilizou-se sempre mais de um ambiente: um para o trabalho e outro para os momentos de espiritualidade. Essa divisão não era rígida, mas muito mais uma

¹⁰⁴ Diário de campo produzido por mim durante a primeira etapa da ESCOJU, em julho de 2008.

¹⁰⁵ Porto Alegre, área pastoral Assis Brasil.

questão de organização, enquanto se ocupava uma, preparava-se a outra. O espaço era amplo, com pátio interno – utilizado para as encenações, início de atividades, dinâmicas –, possuía um refeitório isolado, que, na terceira etapa, foi perfeito para a realização da festa, pois não atrapalhava quem quisesse dormir. Os três quartos eram no segundo andar de um saguão de jogos. No térreo tinha uma cancha de futebol que, em momentos de lazer, foi utilizada pelos cursistas para jogar futebol. Um dos quartos era dos meninos, o outro das meninas e o terceiro da equipe – nesse não havia divisão entre sexos. O fato dos quartos serem coletivos ajudava na aproximação entre os jovens e, para a equipe, era útil para acertar últimos detalhes e para momentos de partilha de vida e de troca de informações entre eles.

Nas etapas pares, o grupo não ficava junto à noite, mas eram recebidos nas casas de famílias da comunidade. No princípio, alguns ficaram chateados por não irem para a mesma casa que um amigo, ou amiga, porém o resultado foi muito interessante. As famílias receberam muito bem os jovens, preparando-lhes jantares especiais, longas conversas, além de tratá-los como visitas especiais. Alguns, inclusive, chamavam as famílias de “pai” e “mãe”. A segunda citação voluntária dos cursistas para a pergunta “O que foi mais interessante nessa etapa?”, no questionário que responderam, foi o acolhimento nas casas de família. Isso serve para aproximar os cursistas com aquela realidade em que irão realizar a Missão.

Tanto o centro de pastoral da comunidade, como a escola, não dispunha de infraestrutura complexa, apenas banheiros, salas que foram alternadas durante o trabalho, pátio interno pequeno – no caso do centro de pastoral – e um lugar para as refeições.

Os três espaços utilizados ao longo da ESCOJU eram simples, mas permitiram a realização das propostas de trabalho. No princípio, todos ficaram juntos para criar uma unidade, uma relação próxima entre os jovens, além de propiciar o trabalho e as festas. Em segundo lugar, teve-se uma simplicidade acolhedora, seja pela comunidade, seja pelas famílias, que substituiu, em parte, a festividade, mas que de forma alguma foi reclamada pela juventude presente.

A utilização do espaço da sala de trabalho em círculo, para que todos participem e se sintam incluídos, é muito importante. A preferência por sentar no chão, quando possível, além de ser algo despojado, juvenil, representa simplicidade, uma quebra da estrutura encontrada na escola, na casa, no próprio grupo de jovens, uma liberdade de deitar-se, escorar na parede, de se posicionar da forma que se sentir mais confortável, possibilidade de um cursar diferente. O local de trabalho sempre recebia uma ornamentação dentro da temática que estava sendo trabalhada, rica em simbolismo:

Eles entram num ambiente em que tem um poço, ou o que seria a representação de um. Tinha num canto da sala um monte de “bugigangas” e uma parede feita de cobertor separando-a. Essa sala não é a mesma do trabalho da manhã, até porque foi preparada durante. Os jovens sentam em roda, no chão, e tem papéis de ofício, canetas e canetinhas espalhados. (1ª etapa)

Ao entrarem na sala, o grupo percebe que seus desenhos coloridos representando a criação divina estavam, agora, parcialmente cobertos por jornais ou fitas adesivas (tanto os desenhos que estavam no chão, como os que estavam na parede). Todos entraram em silêncio na sala. Foi perguntado aos cursistas “o que tinha acontecido na sala?” (2ª etapa)

O momento, agora, começa no pátio. É solicitado a todos tirarem os tênis e as meias, para entrarem num solo sagrado, fazer a experiência de pôr o pé no chão, na estrada. Os cursistas entram primeiro, alguns da equipe conduzem a entrada, e tem alguns tocando violão dentro da sala também. Os últimos a entrar são da equipe. A sala tinha sido arrumada com uma estrada de areia no chão, que cortava toda a sala. Ao longo desse caminho tinham fotos de passagens do evangelho, porém eram desenhos representados na cultura africana, desenhos de Mafra. (2ª etapa)¹⁰⁶

Na festa, houve a apresentação da ESCObanda, banda que os cursistas e equipe montaram. Eles colocaram atrás do palco uma faixa produzida para o DNJ do ano anterior, de material emborrachado, sobre a juventude. Tinha feito uma cortina de tnt, que foi aberta ao “iniciarem o Show”. (3ª etapa)¹⁰⁷

1.3 Curso de juventude para a juventude

A ação educativa da ESCOJU não é apenas um processo de aprendizagem do jovem cursista, é sim um curso de mútuo aprendizado e ensino, lugar do protagonismo da juventude militante da PJ responsável pela atividade. Através do exemplo dos jovens da equipe, buscarei demonstrar o “processo de educação na fé” proposto pela PJ, que deve ocorrer de forma contínua.

1.3.1. Cada um com seu papel

Dentro da equipe, existem papéis específicos para cada um. Essas tarefas são definidas e avaliadas constantemente nas reuniões preparatórias de cada etapa, assim como nos pequenos momentos avaliativos e conversas informais entre os membros da própria equipe durante o decorrer do curso. Ao longo do processo, as funções podem ser modificadas, como se deu com a coordenação do curso. A jovem que tinha assumido o curso, ainda no

¹⁰⁶ Fotografia desse ambiente no ANEXO III.

¹⁰⁷ Diário de campo produzido por mim durante as etapas da ESCOJU, 2008.

planejamento para o ano de 2008, em fins de 2007, não pôde ser a responsável pela atividade e quem assumiu suas tarefas tornou-se referência para os jovens da equipe, assim como para os assessores. Isso demonstra uma flexibilidade do processo, que não deixa estagnadas as funções e o aprendizado dos envolvidos no curso.

Os jovens da equipe assumem funções específicas em cada etapa, e isso se modifica em cada uma delas: quem receberá o pagamento das taxas, quem ambientará as salas ou corredores para as atividades específicas, quem se responsabilizará em preparar material para as atividades, fazer o rancho, levar o material até o local do curso. Todas essas funções são desenvolvidas pelos jovens. A realização dos trabalhos propostos para os cursistas pode ser conduzida pelos jovens ou em parceria com a assessoria.

A responsabilidade de conduzir o processo formativo nunca é dada a uma só pessoa, sempre são duplas ou trios. A escolha de quem conduzirá é por voluntariedade: quem quer trabalhar aquele assunto, quem quer aprender sobre aquele assunto. A intenção é sempre misturar a equipe: alguém que domina aquela temática junto com alguém que quer aprender. A proposta do trabalho é discutida e aprovada por todos da equipe.

1.3.2. Assessor (a), um amigo (a) para caminhar junto

Já foi explicado anteriormente o papel de destaque que a assessoria recebe na PJ, inclusive sendo um dos princípios formativos. É uma das preocupações constantes das instâncias de coordenação: formar e contar com assessores capazes e que saibam caminhar com a juventude. Não é só passar pelo processo de coordenação juvenil dentro da Pastoral da Juventude para um adulto ser um assessor, tem que ter opção, uma vocação específica para esse acompanhamento¹⁰⁸.

Segundo Libanio¹⁰⁹, os jovens necessitam que adultos fiquem ao seu lado durante essa fase da vida, estas pessoas mais velhas servem de modelos para eles projetarem sua vida. Uma das dificuldades atuais que o autor destaca é a falta de referências para a juventude atual, pois, ao invés de serem modelos, os adultos querem prorrogar ao máximo a estética e os padrões juvenis. Para Dick, a figura do assessor (a) na Pastoral da Juventude tem uma

¹⁰⁸ Cf. CNBB. *Evangelização da juventude: desafios e perspectivas pastorais*. São Paulo: Paulus (estudos da CNBB 93). 2006. p 63.

¹⁰⁹ Cf. LIBANIO, 2004. p 25.

importância também afetiva: “Quando o jovem descobre que o adulto não lhe tira a sua identidade, mas ajuda a descobrir-se naquilo que é, apaixonar-se por essa pessoa.”¹¹⁰

Durante o curso, é claro o papel relevante que essa figura do assessor/ assessora tem junto aos jovens: que os escutam, acolhem, mas também discordam e questionam. A figura do adulto não é para “mandar” nos jovens ou coordená-los, seu papel é de estar junto, de opinar, de construir, dando sua opinião, avaliando. Durante todo o processo de organização e de trabalho para a Escola da Juventude, estiveram presentes quatro assessores: padre, mãe de um dos jovens da equipe e dois jovens adultos leigos (um rapaz e uma moça¹¹¹). Só um conseguiu acompanhar todo o processo da ESCOJU, mas em todos os momentos que os assessores puderam participar, eles foram bem valorizados pelos jovens.

Esse estar junto, porém não assumir o papel do jovem, dá um papel muito diferenciado para o adulto que, normalmente, é quem assume as funções dentro e fora da igreja, sendo o jovem um coadjuvante. Neste curso, os papéis se invertem, os protagonistas são os jovens da equipe e o coadjuvante que está junto é o adulto, mesmo sendo padre ou mãe, papéis que, normalmente, são de poder nas relações de aprendizado do cotidiano.

1.3.3. Construção coletiva

A construção de todas as etapas é coletiva. A equipe deve ter consciência do processo total: das dimensões da formação integral e do método Ver – Julgar – Agir – Rever – Celebrar, que são colocadas em prática no curso. A elaboração das etapas dá-se nas reuniões prévias da equipe, que são momentos de partilha das experiências já feitas pelos integrantes, assim como de idéias novas. Todas as propostas são apreciadas por todos, até chegar a um consenso sobre como será aplicada a atividade naquele ESCOJU. É uma reflexão teórica a partir da prática já vivenciada em outros momentos formativos. Mais uma vez, a educação se dá a partir do concreto, do já experimentado pelo corpo, para depois ser refletida e sistematizada. Essa é uma característica dos processos educativos da PJ.

Como os trabalhos propostos saem, em sua grande maioria, das experiências já vivenciadas pelos integrantes da equipe, é muito fácil conduzir as atividades, mesmo não sendo propostas fechadas de trabalho. Porque a exemplificação já foi corporificada, e isso é

¹¹⁰ DICK, Hilário. *O Divino no Jovem*. Porto Alegre: IPJ, 1997, p 18.

¹¹¹ No caso, a jovem adulta era eu, que já exerci a função de assessora da PJ em outro vicariato. Acompanhava o curso para a pesquisa de campo desse trabalho.

um dos saberes pedagógicos de Freire¹¹², ele falava da prática de vida. Assim, acredito que a ESCOJU é um caso que exemplifica o pressuposto freiriano.

É importante para todo esse processo de, ao todo, quatro meses de encontros, de reuniões¹¹³, uma avaliação sistemática. No fim de cada etapa, é feita uma avaliação individual com os cursistas, levando em conta a infraestrutura, as assessorias, o trabalho proposto. Nessa ESCOJU, em especial, o trabalho avaliativo foi encaminhado por mim, pois era a partir da aplicação do questionário usado na pesquisa desse trabalho que se fizeram os momentos de avaliação de cada etapa. Eu os instiguei, após a etapa da consciência crítica, que, além das perguntas diretas, como jovens lideranças, deveriam se posicionar em textos avaliativos, explicando suas opiniões e sendo críticos construtivos.

Nestas reuniões, também se dá um destaque especial para as avaliações dos cursistas. A equipe também tem o papel de avaliar o processo feito, buscando ajustes para que o curso fique da melhor maneira a atender a realidade dos educandos que o estão vivenciando naquele ano. O que se percebe é que para essa ação educativa alcançar os objetivos de desenvolver o protagonismo do jovem e de uma formação integral é necessário que haja criticidade e respeito à realidade¹¹⁴.

1.3.4 Privilégios da equipe

Durante o decorrer da Escola da Juventude, e como integrante da equipe de trabalho, no papel de assessora, não percebi os privilégios da equipe que descrevo nesse item. Porém, numa análise posterior dos dados coletados no diário de campo e nos questionários, identifiquei algumas ações da equipe que desenvolvem nos jovens cursistas a vontade de continuar o processo educativo para chegar até “ser da equipe”.

Neste curso, os quartos foram divididos entre meninos, meninas e equipe. Os jovens da equipe e os assessores, portanto, com a finalidade de utilizarem o tempo de descanso para organizarem as últimas providências das atividades, podem dormir no mesmo quarto, independentemente de serem meninos e meninas. Nas etapas em casa de família, a equipe ficou toda numa mesma casa. Apesar de os cursistas terem sido muito bem recebidos pelas famílias que os acolheram, muitos comentaram que queriam ter dormido com a equipe: pela

¹¹² FREIRE, 1996, p 16.

¹¹³ A prática recorrente de educação juvenil no interior da ICAR é de encontros de um fim de semana.

¹¹⁴ Também são pressupostos de Freire na Pedagogia da Autonomia. Cf. FREIRE, 1996, p 15.

bagunça que imaginavam termos feito, por ficarem perto dos meninos da equipe¹¹⁵, pela convivência.

O trabalho da equipe é bastante valorizado pelos jovens cursistas. Nas avaliações, ela é constantemente elogiada e, inclusive, percebe-se uma vontade de continuar na caminhada pastoral para também poder um dia trabalhar numa equipe da ESCOJU:

O trabalho da equipe foi muito importante para nossa caminhada, a equipe estava muito bem preparada e organizada. (4ª etapa/ MJ).

A equipe trabalhou um incentivando ao outro, e isso passou para nós. (4ª etapa/ MJ).

Eu gostaria de quem sabe um dia trabalhar com vocês, por isso tenho me espelhado em cada momento, em cada um de vocês. (3ª etapa).¹¹⁶

1.3.5 O processo da equipe

No processo de aprendizado da ESCOJU, foi nítido identificar o duplo processo formativo que Freire exemplifica com: quem ensina aprende e quem aprende ensina:

Quem forma se forma e re-forma ao for-mar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. [...]. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém.¹¹⁷

O processo de educação na fé, como já foi dito, se dá de forma contínua e não se encerrará após a conclusão das três etapas de curso e uma etapa de ação missionária. Por isso, a Pastoral da Juventude e os Institutos de Juventude organizam cursos para militantes – os jovens que já estão engajados na PJ – continuarem seu processo formativo.

A experiência de trabalharem num curso é muito enriquecedora para os jovens integrantes da equipe. No decorrer dessa atividade, ele estará desenvolvendo o seu protagonismo juvenil e aprendendo para poder ensinar. Já na primeira etapa, percebi um envolvimento maior dos jovens ao assumirem os papéis e as tarefas, diferente daquilo que se tinha pensado nas reuniões prévias, mas que vinham de encontro com a necessidade da realidade:

¹¹⁵ Os meninos da equipe despertaram o interesse de muitas cursistas. Nos momentos oportunos, elas ficavam em volta deles, e algumas pediram para “ficar”. Dessas descobertas afetivas, um casal saiu namorando.

¹¹⁶ Avaliação dos cursistas no questionário aplicado após as etapas do ESCOJU, essas são referentes a agosto e setembro de 2008, respectivamente 3ª e 4ª etapas da Missão Jovem propriamente dita.

¹¹⁷ FREIRE, 1996. p 12.

As pessoas que eram as lideranças até então não puderam assumir. Mas seus papéis não ficaram vacantes, foram ocupados pelos outros jovens. Apesar de um ser uma liderança nova, mas pela falta de liderança e pelo momento que ele está vivendo (fazendo um curso forte de formação de nível regional da PJ “o animadores”), ele se sentiu capaz de puxar a tarefa, o que lhe deu um destaque, a gurizada do curso percebeu isso claramente. E era a ele que eles se dirigiam caso houvesse problema ou dúvida. Os mais novinhos (que participaram pela primeira vez da equipe) tinham um papel mais do organizar a estrutura (comprar material que faltava, preparar ambiente, etc.). Eles ficaram mais entre os cursistas, eram praticamente mais um deles. Isso fez com que os cursistas se aproximassem muito desses integrantes, não se sentindo inferiores, tendo muita liberdade com eles.¹¹⁸

No decorrer das etapas, mesmo os jovens mais novos, que não assumiram tarefa alguma inicialmente, foram, aos poucos, auxiliando nos momentos de estudo, participando dos teatros, coordenando junto algum momento do dia. Eles percebem-se responsáveis pelo processo educativo dos jovens cursistas e precisam formar-se mais para poder auxiliar nesse processo.

Nos excertos do diário de campo também se percebe a proximidade existente entre os cursistas e a equipe, seja pela idade próxima, seja pela postura assumida pelos integrantes que coordenam o curso – de sentarem para as refeições entre eles, de conversar nos corredores, de estar próximo. Essa relação quase que horizontal entre os educadores e os educandos mostra que os educadores não se sentem superiores aos cursistas, que eles percebem-se num processo constante de aprendizado que, conforme Paulo Freire, denomina-se “a consciência do inacabamento”¹¹⁹. Essa postura faz toda a diferença para que os educandos se abram a uma experiência de ensino e aprendizagem fora dos moldes conhecidos até então e, assim, consigam experimentar as propostas diferenciadas que a ESCOJU lhes oferece.

Todo o processo formativo que o jovem cursista e o jovem militante da PJ passam tem um objetivo: formar estes jovens para serem protagonistas juvenis. Aqui, mais uma vez, a PJ segue os preceitos de Freire, de que a educação é ideológica e é necessário para ser educador formar-se para a autonomia, amadurecer a fé de que a mudança é possível. A mudança, no caso desse curso da PJ, é bem concreta. É apresentada uma realidade na segunda etapa – e, nesse caso, foi a Vila Augusta em Viamão – que todos concordaram que não era aquele o modelo de mundo que Deus quer que os jovens e todos construam e vivam e, portanto, eles são chamados, desafiados a assumirem uma ação que busque a modificação da realidade, um estar junto com a comunidade. E é isso que é a Missão Jovem, essa ação libertadora, que será estudada de forma mais detalhada no próximo capítulo.

¹¹⁸ Anotações do diário de campo, no primeiro fim de semana da Escola da Juventude, 13 a 15 de junho de 2008.

¹¹⁹ Cf. FREIRE, 1996, p 21.

2 JUVENTUDE EM MISSÃO: O PROTAGONISMO JUVENIL EM AÇÃO

O processo educativo, que os jovens da PJ realizaram durante a ESCOJU/ 2008, visava à realização de um desafio concreto: a Missão Jovem. Esta proposta foi apresentada ao longo do curso e, ao poucos, assimilada, transformando os jovens cursistas em jovens missionários.

Apesar do conceito de Missão estar bastante em voga nos documentos da PJ e da ICAR¹²⁰ nos últimos tempos, a idéia de ir ao encontro assustou muitos jovens no início da ESCOJU. Neste capítulo, apresentaremos como a idéia de Missão foi apresentada, como os jovens assimilaram esse desafio e qual a concepção de uma ação destas para a PJ. Analisando as atividades programadas e executadas por eles, percebemos o protagonismo acontecendo entre caminhadas, músicas, dinâmicas, e essas experiências transformando suas concepções e ações de seguidores de Jesus Cristo. Segundo Boff, imitar a Cristo não é copiar seus gestos, mas possuir a mesma atitude que ele:

Como ele abnegado; sentir com os outros e identificar-se com eles; preservar no amor e na fé, na bondade do coração humano até o fim e, em função disso, não temer ser crítico, contestador de uma situação religiosa ou social que não humaniza o homem, nem o faz livre para o outro e para Deus; ter a coragem de ser liberal e, ao mesmo tempo, manter o bom senso; usar a fantasia criadora e ser fiel às leis que ajudam a atmosfera do amor e da compreensão humana, à semelhança de Cristo.¹²¹

2.1 Despertar para o compromisso místico-teológico

Os jovens cursistas, ao fazerem a inscrição para a ESCOJU, recebiam no fôlder de divulgação ou na ficha de inscrição a informação que se tratava de um curso de 4 etapas, sendo a última a realização da Missão Jovem. No fim da primeira etapa, tiveram que preencher o questionário da pesquisa e se depararam com as perguntas referentes à MJ¹²²: “Já participou de alguma Missão Jovem antes?”, “Você se acha preparado(a) para a execução da Missão Jovem?”. Muitos não sabiam o que responder e perguntaram o que era Missão Jovem.

¹²⁰ Cf CNBB. 2006. 104 p. e CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino –Americano e do Caribe*. Paulus-Paulinas, São Paulo, 2007. 301 p.

¹²¹ Cf. BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo Libertador: ensaio de cristologia crítica para o nosso tempo*. Petrópolis, Vozes, 1986. p 163.

¹²² Respectivamente, perguntas nº 4 e nº 7 do questionário que os cursistas responderam para a pesquisa.

Os próprios cursistas responderam: “ é ir nas casas, visitar as pessoas!¹²³”, pois havia um grupo oriundo de comunidades¹²⁴ que têm por hábito fazer Missão na suas localidades.

A idéia da Missão Jovem foi trabalhada na segunda etapa, e acontecia, propositalmente, no “lugar da Missão”. Primeiro, eles foram “enviados ao mundo”. Na verdade, em grupos, foram conhecer diferentes lugares da Vila Augusta e se depararam com situações de miséria, descaso da prefeitura e situações de vulnerabilidade social. A proposta missionária é construída sempre a partir do contexto, por isso o grupo dos jovens foi conhecer a realidade, saíram dos muros da paróquia¹²⁵. Foram realizar uma das tarefas da fase denominada de Pré-Missão, que é: “pesquisa da realidade, contato com diretorias das escolas e de outras organizações comunitárias”¹²⁶. Na metodologia da MJ, o modo apropriado de ser missionário será de acordo com as condições e as necessidades do lugar onde fomos por Deus enviados¹²⁷.

Zwetsch, em seu estudo sobre a Teologia da Missão, relata também a necessidade da Igreja que fará uma ação missionária compreender o contexto e o momento histórico vivido. Ele também afirma que a ação evangelizadora deve trazer uma mudança no contexto, e que esta seja libertadora:

A hermenêutica do contexto é uma prioridade em qualquer teologia da missão. Interpretar para saber agir. Agir para novamente interpretar e propor mudanças. Essa dinâmica nunca acaba. Mas importa destacar que a ação comunicativa do evangelho tem ou apresenta um diferencial: como uma ação que nasce da fé no poder transformador de Deus, ela pretende ser justa e justificadora, livre e libertadora, amorosa e curadora. A ação missionária cristã será reiteradamente objeto de consideração, revisão e crítica. Será também resposta a um amor recebido e a proposição de uma caminhada de vida nova e transformadora. Aí está sua força carregada de esperança¹²⁸.

Quando os jovens cursistas retornaram das saídas de “campo”, houve um momento de partilha no grande grupo, muitos preconceitos apareceram nas falas dos e das jovens. Segue a anotação do diário de campo:

O trabalho que se seguiu foi o relato do vivido. A maioria dos grupos apenas observou a realidade e se deram conta que são ambientes que eles freqüentam

¹²³ Cf. Anotações do diário de campo, no primeiro fim de semana da Escola da Juventude, 13 a 15 de junho de 2008.

¹²⁴ Os jovens provenientes da Rede de Comunidades São José na Morada do Vale – Gravataí, presidida pelos Franciscanos e da Rede de Comunidades Santa Cruz da Vila Augusta – Viamão, presidida pelos Passionistas.

¹²⁵ Anotações do diário de campo, na segunda etapa da Escola da Juventude, 11 a 13 de julho de 2008.

¹²⁶ P J de PORTO ALEGRE. *Missão Jovem*. 2005. p 6.

¹²⁷ Cf. P J de Porto Alegre, 2005. p 10.

¹²⁸ ZWETSCH, Roberto E. *Missão com com-paixão: Por uma teologia da missão em perspectiva latino-americana*. Editora Sinodal, 2008. p 333.

diariamente, porém, não os vêem, não se relacionam, e ainda mais, não fazem nada em relação a isso. Alguns se mostraram indignados, porém muitas das falas expressam a idéia de fatalidade, merecimento: “Estão nessa miséria porque querem!”, “São ignorantes!”, “Falta é força de vontade de mudar!”¹²⁹.

O trabalho continuou na Sala Mundo¹³⁰. O “mundo” estava destruído, o ambiente era hostil, havia pessoas deitadas pela sala. Eram alguns dos excluídos de nossa sociedade. Quando eles interagiram com os jovens, muitos choraram, ficaram com medo. Quando só sobrou a prostituta na sala, entraram dois jovens e arrastam-na para apedrejá-la. Seguiu-se a história de Jesus e a adúltera (Jo 8, 1-11). Os trabalhos desse dia foram concluídos com muita emoção, o grupo de cursistas ficou emocionado, eles se abraçaram e se consolaram. Falaram que irão mudar essa realidade, que as coisas não vão continuar assim. Segundo a assessoria do trabalho, esse é um momento de crise, pois eles percebem que não estão agindo segundo a fé que professam, foram egoístas e alienados até agora¹³¹. A eles foi apresentado um Cristo a favor do amor, da justiça, um libertador da consciência da alienação:

Ele é um *favor* do amor, da justiça, da reconciliação, da esperança e da total realização do sentido da existência humana em Deus. (...) Ele prega, nos termos de hoje, uma autêntica revolução global e estrutural: reino de Deus que não é a libertação da subjugação romana nem grito de rebelião dos pobres contra os latifundiários judeus, mas total e completa libertação de tudo que aliena o homem, desde as doenças e a morte até especialmente o pecado.

E nisso ele foi um grande revolucionário, quem sabe, o maior da história. (...). Ele visa introduzir algo de novo e trocar as regras do jogo religioso e social. Cristo prega o Reino de Deus que não é a melhoria desta ou daquela parcela do mundo, mas uma transformação global das estruturas deste velho mundo, a novidade e a jovialidade de Deus reinando sobre as coisas. Ser cristão é ser nova criatura... Talvez a palavra mais adequada seria de Libertador da consciência oprimida pelo pecado e por toda de alienações e Libertador da triste condição humana nas suas relações para com o mundo, para com o outro e para com Deus¹³².

No domingo, é apresentada a proposta da intervenção daquele grupo na realidade conhecida no dia anterior: A Missão Jovem. “As Missões Jovens significam um conjunto de atividades que exigem que a juventude faça valer o seu protagonismo obedecendo a um

¹²⁹ Anotações do diário de campo, na segunda etapa da Escola da Juventude, 11 a 13 de julho de 2008.

¹³⁰ Ambiente decorado alegremente pelos jovens na oração da manhã através do estudo da Criação do mundo (Gn 1 e 2, 1- 3). Naquele momento, encontrava-se destruído: as janelas tampadas, que fazia o ambiente ficar escuro, folhas de jornal coladas sobre os desenhos, as bandeiras da PJ e símbolos jogados no chão e muita sujeira e jornais espalhados.

¹³¹ Palavras dos próprios cursistas quando se consolavam no momento da conclusão dos trabalhos daquele dia. Anotações do diário de campo, na segunda etapa da Escola da Juventude, 12/ 07/ 2008..

¹³² BOFF, 1986. p 177 -178.

chamado e *dando uma resposta*¹³³” Aqui, também está presente a metodologia do Ver-Julgar-Agir. Eles viram a realidade, refletiram sobre a ação que Jesus tinha frente aos excluídos, aos pobres, e foram convidados a agir, a interferir na realidade.

Segundo Boff¹³⁴, o seguimento de Jesus inclui anunciar a utopia do Reino, mas também traduzir a utopia em práticas que visem mudar este mundo em termos pessoais, sociais e cósmicos. “Seguir Jesus é pro-seguir sua obra, per-seguir sua causa e con-seguir sua plenitude.”¹³⁵ É na perspectiva de Boff que a proposta da PJ caminha, a evangelização não é apenas anunciar a Boa Nova, falar das coisas de Deus, é necessário ação. Os jovens são cooperadores, sim, de Deus (1Cor 3,9) na missão para o bem, da justiça e da paz.¹³⁶ As afirmações de Suess também ratificam a proposta da MJ: “O mandato do Senhor é bem claro: Ide e anunciai! O encargo de anunciar não pode reduzir-se a um mero ser-sinal e a um diálogo (descomprometido).”¹³⁷

Em pequenos grupos, os cursistas reagiram à proposta com angústias, idéias e sugestões. No final do trabalho fica claro que todos querem fazer a Missão Jovem, mas não se sentem preparados, capazes para qualquer práxis na sociedade que seja realmente transformadora. Cito algumas das frases colocadas pelos jovens nesse momento:

1º grupo:

O que é missão? O que Deus espera de mim? Como viver em comunidade? Objetivo? O que eu quero? Ouvir? Falar? Como chegar no irmão? O que a gente quer aqui?

“Não sei como vai ser essa missão!” “estamos voando: queremos script, material, estamos com medo!”

Vamos atingir os jovens? Ou toda a comunidade? Pois tem várias formas de agir.

3º grupo

Escoju frente à missão: estamos prontos? Como reconhecer Deus no povo? Qual o objetivo da Missão?

Sim, nós queremos ir em Missão. Levanta-te e vem!

Estamos com vendas nos olhos, precisamos tirá-las e abrir os olhos...

Quem vai dizer o que fazer? Como vai ser feito?

Querer nós queremos [mudar o mundo], mas como fazer? Não sabemos!¹³⁸

No final dessa etapa, os jovens estavam comprometidos com aquela comunidade, com a proposta da PJ em realizar a MJ, mas estavam ainda muito inseguros. Os jovens tinham feito uma mudança interior, uma revolução no pensar e no agir, que, para Boff, é o significado

¹³³ PJ do RS, *Missão Jovem no RS*. 2002. p 4, grifo meu.

¹³⁴ Cf. BOFF, 1986. p 35.

¹³⁵ BOFF, 1986 p 35.

¹³⁶ Cf. ZWETSCH, 2008. p 89

¹³⁷ Cf. SUESS, Paulo. *Evangelizar a partir dos projetos históricos dos outros: ensaios de missiologia*. São Paulo: Paulus, 1995. p 136.

¹³⁸ Anotações do diário de campo, no primeiro fim de semana da Escola da Juventude, 11 a 13 de julho de 2008.

de conversão: “Conversão significa: mudar o modo de pensar e agir no sentido de Deus, portanto revolucionar-se interiormente.”¹³⁹ O desafio só é aceito porque foi embasado na fé e no seguimento de Jesus Cristo. Os jovens possuem uma fé que os move.

A PJ compreende-se como uma seguidora da Teologia da Libertação (TL): “A Teologia da Libertação é a nossa referência na fundamentação da fé e no compromisso de luta e pé no chão”¹⁴⁰. E, por isso, no seu marco operativo afirma que sua Missão é: “Reafirmar a opção profética e transformadora pelos jovens e empobrecidos, colocando-se a serviço de uma nova sociedade;”¹⁴¹ Por sua vez, TL concorda que para acontecer libertação deve existir uma opção profética e solidária pela vida, a causa e as lutas dos que estão excluídos pela nossa sociedade.¹⁴²

No estudo da Teologia da Missão em uma perspectiva latino-americana, Zwetsch afirma que o surgimento da TL e de uma nova concepção e ação da Teologia de Missão voltada para a libertação dos grupos subalternos são muito próximas:

(...) a teologia da libertação inicia como uma teologia da missão, como uma tentativa nova, mas vigorosa de responder contextualmente, portanto missionariamente aos desafios da realidade das maiorias empobrecidas e marginalizadas dos processos econômicos que determinavam a vida de pessoas e grupos sociais subalternos nos países latino-americanos. Ao mesmo tempo, ela procurou ser uma resposta cristã em face dos movimentos de esquerda motivados por ideologias socialistas e francamente críticos à herança cristã.

A palavra libertação como termo-chave e símbolo de uma luta mais ampla não surgiu por acaso. Ela responde a um contexto de transformações gerais da sociedade, mas também a uma nova percepção teológica desse momento histórico.¹⁴³

Hoje, a TL não limita a ação libertadora na figura do pobre, existem muitos outros personagens¹⁴⁴ que vivem em situação de margem na nossa sociedade, e que também ganham espaço, aos poucos, na PJ. Não será apenas o pobre – morador da Vila Augusta de Viamão – que a MJ quer libertar, mas também os jovens que sofrem exclusão em nossa sociedade. Alguns dos problemas que os jovens cursistas enfrentam no seu cotidiano podem ser identificados: dificuldade em conseguir o primeiro emprego, muitos desenvolvem estágios

¹³⁹ BOFF, 1986, p 49.

¹⁴⁰ SILVA, 2009, p 18.

¹⁴¹ PJ do RS, 2003, p 34

¹⁴² Cf. BOFF, Leonardo e BOFF, Clodovis. *Como fazer Teologia da Libertação*. Petrópolis: Vozes. 7 ed, 1998, p 14.

¹⁴³ Cf. ZWETSCH, 2008, p 340.

¹⁴⁴ Durante a ESCOJU foi trabalhada a questão da igualdade de gênero, homossexualismo, assim como questões ecológicas. Estes assuntos ainda estão surgindo no seio da PJ. É urgente que eles ganhem mais espaço no trabalho de formação com as juventudes.

mal remunerados, que exploram sua mão-de-obra¹⁴⁵, e estudam em escolas públicas que estão sucateadas.

A MJ é um momento de o jovem excluído perceber-se ator em sua sociedade. Por isso, enquadra-se numa ação libertadora. A libertação só acontece quando, além da conscientização, se valoriza aquilo que o excluído pode oferecer e, então, se organizam visando a uma transformação da sociedade em direção a relações sociais mais justas e equilibradas e por formas de vida mais dignas¹⁴⁶. Assim, “o serviço solidário ao oprimido significa então um ato de amor ao Cristo sofredor, uma liturgia que agrada a Deus.”¹⁴⁷

2.1.2 A missão não se constrói sozinha

É explicado que a ação não será feita e nem pode ser feita de forma isolada; o ensinamento de Cristo é de irem de dois a dois para a Missão (Mc 6,7). O grupo todo é responsável pelas idéias e pela execução:

A assessoria afirma que a missão jovem será construída por esse grupo, pois acreditamos num processo de educação na fé, um processo gradual. Nós vamos construir! – não será só a equipe e nem só os cursistas, mas o conjunto da ESCOJU. A partir do que questionamos construiremos as linhas de ação.¹⁴⁸

A terceira etapa tem como objetivo capacitar o jovem nas atividades da PJ e, por isso, foi estudada a origem da PJ, seus princípios, sua organização, a formação integral, os tipos de coordenadores de grupos de base, entre outros elementos que devem ajudar no dia a dia dos grupos juvenis.

No sábado à tarde, todo o grupo começou a pensar a MJ. Cursistas, equipe e assessores estavam juntos, misturados nessa construção coletiva. O testemunho de outros jovens¹⁴⁹ que já experimentaram diferentes experiências missionárias foi usado para estimular os jovens cursistas para pensarem na proposta da MJ. Em grupos mistos (cursistas e equipe), tinham que refletir quais seus sentimentos em relação à MJ. Segue o apresentado:

¹⁴⁵ A gíria “escravagário”, mistura de escravo com estagiário é comum entre os jovens. Inclusive na ESCOJU, muitos se apresentaram com essa denominação.

¹⁴⁶ Cf. BOFF e BOFF, 1998, p 16-17.

¹⁴⁷ BOFF e BOFF, Clodovis. 1998 p 16.

¹⁴⁸ Anotações do diário de campo, no primeiro fim de semana da Escola da Juventude, 15 a 17 de agosto de 2008.

¹⁴⁹ Cursistas contaram suas experiências, um jovem da equipe contou como conheceu a PJ ao ser “visitado” por uma missão e uma assessora contou algumas experiências marcantes vividas por ela em MJs.

Misto de sentimento: Medo, vergonha, insegurança, prazer, felicidade.
 Segurança por estar acompanhado por pessoas que já tiveram uma experiência de Missão.
 Receio da rejeição das pessoas da comunidade.
 União, força e expectativas por levar a boa nova de Deus.
 Mostrar a juventude da comunidade, a confiança e a alegria e a satisfação da Missão.
 Ansiedade, curiosidade, vontade, motivação, animação e confiança¹⁵⁰

Os sentimentos realmente estavam misturados, mas eles já estavam mais ousados, já sabiam que queriam representar uma juventude motivada, uma força e união¹⁵¹, anunciar a Boa Nova de Jesus, função de todo o missionário (Mc 16, 15). Apesar dos jovens ainda estarem inseguros, a clareza de que a ação missionária não seria realizada de forma isolada, mas em conjunto, os motivou.

A ação missionária nunca pode ser compreendida como uma atividade individual, até porque a Missão é “ação de Deus através do povo de Deus e de sua presença no mundo. A missão não é, pois, primariamente uma atividade da igreja, mas um atributo divino.”¹⁵² Além do mais, todo o batizado é missionário¹⁵³, e a Igreja reafirma em documentos¹⁵⁴ a importância dos leigos na missão, a importância da comunidade eclesial agir na sociedade, para serem exemplos e transformadores da sociedade.

Na continuidade do trabalho na ESCOJU, todos os jovens que serão missionários foram divididos em três grupos para pensarem as atividades que podem ser desenvolvidas de sexta a domingo, na MJ. O tema já tinha sido pré-definido no momento anterior, também coletivamente: “Juventude e Cidadania”. Nos questionários, esse momento de construção coletiva do projeto missionário foi o segundo mais citado na resposta da questão: “Que atividade você mais gostou dessa etapa?” Só perdeu para a festa à fantasia, ocorrida no sábado à noite¹⁵⁵.

O papel da assessoria, nesse momento, foi muito importante para que três propostas se tornassem uma e para que todos os missionários se sentissem responsáveis pela execução daquela proposta final. Esse trabalho não foi fácil nem rápido. Todo o grupo discutiu cada possibilidade e escutou as reflexões e questionamentos da assessoria durante toda a manhã de

¹⁵⁰ Anotações do diário de campo, no primeiro fim de semana da Escola da Juventude, 15 a 17 de agosto de 2008

¹⁵¹ O ANEXO IV mostra a fotografia do cartaz feito por um grupo dos cursistas que exemplifica que a missão é feita em grupos. O cartaz foi produzido durante a terceira etapa da ESCOJU quando tiveram que apresentar uma proposta de trabalho para a missão.

¹⁵² ZWETSCH, 2008. p 87

¹⁵³ AG 6

¹⁵⁴ Cf. AG, DA, LG.

¹⁵⁵ As respostas eram livres, não havia opções: a resposta festa à fantasia recebeu 7 votos; a construção do projeto da MJ recebeu 6 votos e o teatro sobre a história da juventude recebeu 5 votos. Estes foram os mais citados no questionário da terceira etapa.

domingo. No fim daquele turno, o projeto da MJ de 2008 estava pronto, com as funções e responsabilidades divididas entre diversos responsáveis, entre eles cursistas e jovens da equipe.

Analisando as respostas dos questionários da terceira etapa, percebe-se uma clara confiança do grupo de jovens frente à MJ. Apenas um cursista escreveu que ainda não estava preparado para a MJ, porém se sentia melhor do que nas etapas anteriores, ou seja, ele percebia o processo de formação, mas ainda tinha medo. As demais respostas são positivas frente à preparação e muito empolgadas frente o desafio:

Sinto-me envolvida como missionária, me sinto preparada espiritualmente e fisicamente para esse trabalho.
 Sinto um entusiasmo dentro do meu coração.
 Consegui realmente entender o sentido da missão.
 Pois acho que tenho capacidade e agora estou bem preparada.
 Nesta 3ª etapa como conversamos e tiramos nossas dúvidas, estou mais confiante.
 Senti realmente o espírito de evangelizar, e a equipe está organizada para a missão.
 Ainda com um pouco de receio, mas minha mente já está preparada para o que virá.
 Estamos preparados em conjunto.
 Estou mais confiante e esperançosa, tenho fé e acredito que Deus nos guiará pelo melhor caminho.
 Porque já entendo mais sobre a missão e sobre a atividade.
 Antes tinha medo, e agora não tenho medo, acho que foi aqui que consegui lidar com isso.
 Depois de passar as duas primeiras etapas me senti preparada devido ao desempenho da equipe em nos preparar exatamente todo esse tempo para esse objetivo (a missão).¹⁵⁶

2.2 “Agora estamos em missão”¹⁵⁷

A frase que titula esse tópico foi dita por um jovem cursista na primeira noite da MJ – a fase da execução das atividades¹⁵⁸. Ele comentava como, a partir daquele momento, eles eram responsáveis pelas atividades, todos tinham responsabilidades, deveriam ter atitudes de missionários¹⁵⁹, serem discípulos de Jesus e, portanto, deveriam agir como ele, assim como o documento da CNBB explica:

¹⁵⁶ Cf. resposta do questionário respondido pelos cursistas para a pergunta “Você se acha preparado (a) para a execução da Missão Jovem? Por quê?”. Foi mantida a redação dos jovens.

¹⁵⁷ Frase de um dos cursistas para o grupo na primeira noite da MJ.

¹⁵⁸ Pois segundo a PJ, a Missão Jovem é dividida em Pré-missão, Missão propriamente dita e Pós-missão. Naquele momento iniciava a segunda fase.

¹⁵⁹ Todos os atos missionários, todos os atos da vida do cristão que é missionário por vocação comprometem o próprio Cristo, e comprometem a Igreja frente ao mundo. COMBLIN, José. *Teologia da Missão*. Petrópolis: Vozes, 1980. p 36.

“Quem se torna discípulo de Jesus transforma-se em portador de sua mensagem. Jesus chama o discípulo para enviá-lo em missão. No encontro com Cristo, o novo discípulo sente-se impelido pelo Espírito Santo a anunciar aos outros a experiência que teve com Cristo e como nele reconheceu o Messias, o Salvador.”¹⁶⁰

Porém, o que o jovem não tinha percebido é que a MJ, a ação concreta, já tinha começado anteriormente. O grupo de cursistas que reside na Vila Augusta ficou encarregado, na divisão das tarefas preparatórias, de visitar escolas do bairro entregando o fôlder que divulgava a atividade¹⁶¹. O fôlder, além da programação, trazia a oração da juventude missionária e uma frase sobre a cidadania:

Os problemas se tornam cada vez maiores à medida que não assumimos o compromisso de praticar a cidadania.
 Ponha a mão na massa, seja cidadão!!!
 Programação: 12 a 14 de setembro 2008
 Sexta à noite – 19h – visita à Escola Luciana de Abreu;
 Sábado (manhã) 9h – visita às famílias das comunidades;
 Sábado (tarde) 14h30min – Oficinas (hip-hop, capoeira, reciclagem e teatro) e apresentações de bandas – Escola Luciana de Abreu;
 Domingo 10h- Romaria da Santa Cruz, Marcha pela paz nas comunidades.
 “A missão é grande, o desafio é bem maior”

Verso:
 Oração da Juventude Missionária
 Deus Trino, comunidade perfeita.
 Aqui tens a tua juventude missionária.
 Disposta a trocar a violência pelo respeito à diferença.
 Disposta a abandonar o individual para construir o que é de todos.
 Ansiosos por Te reconhecer no rosto de outros jovens, queremos sair em missão.
 Dai-nos olhar o diferente com olhos de iguais.
 Dai-nos a felicidade dos que constroem a paz.
 Dai-nos a coragem dos que morrem pela justiça.
 Assim, diante de ti, colocamos a nossa inquietação:
 Que toda a juventude, sacramento do novo, seja hoje e sempre,
 Portadora da Solidariedade e da Paz!!
 Amém, Axé, Aleluia.

Ao analisarmos a proposta apresentada nessa MJ, podemos identificar características do projeto MJ e do processo missionário desenvolvido. Ao definirem a programação, os jovens e os assessores levaram em conta a estrutura de apoio que a comunidade dispunha e que podia interagir com eles. Pois “o protagonista da Missão é a juventude. É, também, um momento das comunidades se envolverem fornecendo estruturas de apoio, acompanhando os trabalhos e apoiando a Missão”¹⁶².

Além das casas das famílias em que os jovens dormiram, foi necessário convidar adultos da comunidade eclesial para formarem uma equipe de cozinha, responsáveis pela

¹⁶⁰ CNBB, 2006. (Coleção Estudos da CNBB 93,) n° 58, p 28.

¹⁶¹ Modelo do fôlder está no ANEXO V.

¹⁶² PJ PORTO ALEGRE. *Missão Jovem*. 2005. p 4.

preparação das refeições. O deslocamento até as comunidades mais distantes do bairro onde os jovens visitariam as famílias foi feito com a ajuda de padres com automóveis.

Como a proposta da evangelização da juventude na ICAR¹⁶³ não é apenas para trazer os jovens para as atividades da igreja, mas para participar da construção de uma sociedade justa e solidária, isto inclui a ação e o diálogo com diferentes setores da sociedade¹⁶⁴. A relação próxima, nesse caso, foi com a comunidade escolar. A Escola Municipal de Ensino Fundamental Luciana de Abreu permitiu que fizéssemos o trabalho de divulgação e conscientização dos alunos, entrando nas salas e trabalhando através de dinâmicas o assunto da cidadania, na sexta-feira, no turno noturno. E, também, disponibilizou para a MJ, durante todo o fim de semana, a estrutura da escola: salas, pátio, refeitório. Esta relação próxima foi facilitada porque alguns cursistas e membros da equipe que residem na comunidade foram ou são alunos da escola.

Na primeira noite, fomos bem recebidos pelos alunos. Porém, alguns professores, por estarem aplicando provas, não gostaram da música no pátio. Entramos nas salas de aula para uma apresentação rápida do Projeto Missão Jovem, da programação na escola e, quando o professor permitiu, realizamos a dinâmica sobre a cidadania. Das cinco salas de aula visitadas, em duas o debate e a dinâmica foram realizados. Como o trabalho com a escola, com a educação formal, foi algo rápido e muito pontual, sem um processo, um diálogo, houve uma tensão. Müller identifica que os processos de integração provocam essas relações: “que isso não se realiza sem tensão e polêmica é coisa evidente.”¹⁶⁵

Na manhã de sábado, a programação prevê que os jovens, nas comunidades “dos anjos”¹⁶⁶, partirão para visitarem as casas da comunidade. O objetivo é divulgar a atividade da tarde, conversar com as famílias sobre os problemas do bairro e entrar nas questões de direito e cidadania. Porém, esse é um dos momentos mais temidos pelos jovens, em vários momentos eles demonstraram isso, mas a frase de um grupo na fase preparatória exemplifica o anseio com as visitas: “Medo do desconhecido; perseverança de continuar mesmo por portas batidas na cara!”¹⁶⁷

¹⁶³ Cf. CNBB, 2006. n° 165, p 57.

¹⁶⁴ Müller chama a atenção para que o trabalho da missão não seja apenas transformar o mundo. “Que a missão precise assumir co-responsabilidade pelo mundo, ninguém mais põe em dúvida. Porém, justapor missão com responsabilidade pelo mundo é esvaziar o evangelho.” MÜLLER, Karl. *Teologia da Missão*. Ed Vozes, Petrópolis, 1995. p 82.

¹⁶⁵ MÜLLER, 1995. P. 50.

¹⁶⁶ Grupo formado dentro da ESCOJU de convivência: partilha de vida, visita a comunidade. Os anjos foram juntos na visita às famílias.

¹⁶⁷ Anotações do diário de campo, ESCOJU, 15/08/2008.

Na oração daquela manhã, foi realizado um momento de bênção aos missionários. O Padre deu a bênção para os jovens que se dirigiriam às famílias. Nesse modelo da Missão Jovem, o Padre não teve papel de destaque, mas acompanhou, participou das reuniões, estava ciente do processo. Porém, eram os leigos, os jovens-leigos da ESCOJU que organizaram, que executaram, que vivenciaram a Missão. A MJ é um modelo que quebra com a estrutura hierárquica, linear da Igreja. Segundo Boff¹⁶⁸, este modelo está sendo substituído por modelos onde todos estão envolvidos de forma direta.

A Missão caracteriza-se como um movimento, sair do local em que se encontra, da sua realidade, desestabilizar, se deslocar. Por isso, a MJ é caracterizada por uma ação e, assim, é classificada no material da PJ¹⁶⁹. Suess ao definir a Missão usa o verbo enviar, que reforça a idéia de movimento, e também identifica a necessidade de ser missionário em grupo, assim como os jovens se encontravam: “Missão é o envio de uma comunidade para o descobrimento e a construção do Reino. O Reino se revela em Jesus Cristo no caminho.”¹⁷⁰

Os jovens missionários somente carregam consigo o material com a programação da MJ e a oração missionária. Comblin afirma: “A missão vem da parte de Deus e vai ao encontro de pessoas desconhecidas. Não pode levar muitas bagagens. Não pode carregar fórmulas feitas, gestos feitos, instituições pré-formuladas.”¹⁷¹ Muitas vezes, mais do que divulgar a programação ou as questões de cidadania, os jovens eram convidados a escutarem as famílias, a interagirem nas casas (tomando café, bebendo água, comendo bolachas).¹⁷² Essa dinâmica do fazer missionário é relatada por Comblin: “O que se pede ao missionário é que esteja ouvindo, escutando, assimilando aquilo que Jesus Cristo diz aos homens.”¹⁷³

Uma das primícias do Projeto MJ é o protagonismo juvenil, já que “o jovem é o evangelizador privilegiado de outros jovens”¹⁷⁴. Porém, nas definições de missiologia, é muito claro que “o sujeito da Missão é Deus”¹⁷⁵. Porém, para que a mensagem da evangelização seja melhor aceita no meio juvenil, é necessário que ela receba uma tradução,

¹⁶⁸ Cf BOFF, Leonardo. *A Igreja se fez povo. Eclesiogeneses: a Igreja que nasce da fé do povo*. Petrópolis, Vozes, p 30-33.

¹⁶⁹ A MJ é classificada no eixo ação no material da PJ Nacional organizado por Lourival R. da Silva. Cf LOURIVAL, 2009, p 22. E é uma das pistas de ação da “4ª Linha de Ação: Discípulos para a missão”, do material de estudos da CNBB. Cf. CNBB, 2006. p 57.

¹⁷⁰ SUESS, 1995, p 5.

¹⁷¹ COMBLIN, 1980, p 25

¹⁷² Cf. relato dos missionários, diário de campo, 14/09/2008..

¹⁷³ COMBLIN, 1980, p 30

¹⁷⁴ Primeira definição da Missão da PJ no Marco Referencial do RS, inspirado no documento de Puebla e nas orientações da Pastoral da Juventude do Brasil e na América Latina. PJ do RS, 2003, p 34

¹⁷⁵ MÜLLER, 1995, p 67

uma adaptação, uma inculturação. A inculturação é um dos princípios da PJ¹⁷⁶ e um dos legados do Concílio Vaticano II e da Conferência de Santo Domingo para a ICAR, vislumbrando a realidade latino-americana.

Para quem reflete e estuda o processo das missões, a inculturação é algo fundamental para a realização da ação. Zwetsch afirma: “A inculturação é necessária, imprescindível¹⁷⁷”. Para Suess, “não existe uma evangelização sem mediações culturais.” Comblin fala em adaptação¹⁷⁸ e em não repetir modelos missionários e, sim, inventar modelos que respondam à mensagem nos tempos de hoje¹⁷⁹.

Esse processo de tradução da mensagem da missão não foi difícil de ser feito, já que os próprios missionários são jovens e vivenciam as culturas juvenis urbanas. A escolha das oficinas de teatro, hip hop, capoeira e apresentações de bandas durante a tarde de sábado teve esse objetivo. Nesse momento, a expressão era de jovens para jovens, falando seu linguajar, usando de seus símbolos, de seus gostos.

Para Suess, “a prática da inculturação radicaliza a questão de libertação.”¹⁸⁰ Concordo com o autor, na medida em que o jovem percebe-se valorizado, mais uma vez, naquilo que faz. A apresentação teatral, a oficina de teatro e a apresentação da ESCOBanda aconteceram agora não apenas para o grupo fechado da ESCOJU, mas para toda a comunidade que estava presente naquela tarde na Escola Luciana de Abreu.

Os jovens missionários eram os atores principais das atividades naquela tarde¹⁸¹: maquiaram-se como bonecas e bonecos, usaram de tecidos brilhosos e coloridos, fantasiaram-se. Eles estavam em festa. Dançaram ao som das bandas, distribuíram lanche e suco para os jovens que foram participar das oficinas. E até a aproximação entre casais, tão comum nas festas, aconteceu entre alguns missionários. A dimensão teológica festiva da juventude estava em plena demonstração:

(...) para o jovem a vida é uma festa. A festa é o encontro, é prazer, é sentido. A festa é memória. (Ex 12.21-28) Onde há juventude há alegria e celebração. Onde houver juventude sem alegria, o jovem já foi assaltado em sua intimidade. (...) A festa compreende três elementos: a valorização de determinados acontecimentos

¹⁷⁶ “Aprendemos com Jesus de Nazaré que, em nosso agir de pessoas e de Pastoral, a *inculturação* é uma exigência para o verdadeiro relacionamento e para a verdadeira pedagogia. É uma das razões que nos faz defender o método que parte da realidade e a formação que nasce da prática. Inculturar-se não é perder a identidade; é viver tão profundamente o que se é, que o outro adquire um lugar todo especial, tornando-se uma fonte essencial de aprendizado. (Lc 4,14-16). PJ do R, 2003, p 35.

¹⁷⁷ ZWETSCH, 2008, p 345. e SUESS, 1995, p 99.

¹⁷⁸ Cf. COMBLIN, 1980, p 68-69.

¹⁷⁹ Cf. COMBLIN, 1980, p 65.

¹⁸⁰ Cf. SUESS, 1995, p 167.

¹⁸¹ Cf. relato do diário de campo, 13/09/2008.

(...); a expressão significativa, bonita e bem preparada; e a intercomunhão solidária. A festa é o espaço da gratuidade. É uma parada. Ela tem fim em si mesma.¹⁸²

A programação da Romaria da Santa Cruz foi anexada ao projeto da MJ, pois era uma atividade que a Rede de Comunidades já tinha em seu calendário para aquela data. Visando a uma aproximação da comunidade religiosa com os jovens, o grupo de missionários achou interessante participar desse momento, que culminou com uma celebração eucarística em uma das comunidades. Desta forma, a festividade, o sacramento, as pessoas da Rede de Comunidades estariam fortalecendo o espírito dos missionários.

Partimos da concepção de que toda a Igreja é missionária e ministerial e que a base sobre a qual se fundamentam todos os ministérios é a comunidade evangelizadora. Sob o impulso do Espírito Santo, protagonista da missão, a comunidade, enriquecida pela variedade de carismas que o mesmo Espírito confere a todos os cristãos, forma seus ministros e lhes confia a missão.¹⁸³

Müller também reforça a idéia da comunidade estar integrada com os missionários. Sua concepção vai ao encontro à primeira frase da Oração da Juventude Missionária: Deus, por si só, é uma comunidade perfeita. Os missionários precisam do amparo e da força da comunidade cristã para desenvolverem suas funções de evangelização:

A missão envolve também a comunidade. Deus criou o homem para que forme comunidade, e é desejo dele que os filhos de Deus dispersos formem o “Povo de Deus”. O que sempre se entendeu como Igreja não é nenhum cristianismo apenas de indivíduos, que independentes um do outro seguem seu caminho e acabam chegando a Deus sem o amparo e sem a força propulsora da comunidade.¹⁸⁴

Na Oração da Juventude Missionária, conseguimos perceber elementos que demonstram a concepção que a MJ tem para a PJ. Ela é uma ação conjunta dos jovens que querem modificar as situações de morte e construir situações de vida. Nas palavras de um jovem, no momento final de avaliação do processo, quando questionado sobre o que a MJ contribuiu em sua vida, ele afirma: “A satisfação de estar tentando fazer desse mundo a Civilização do amor, levando a palavra de Jesus Cristo.”¹⁸⁵ Bosch define que a missão é uma ação-transformadora¹⁸⁶, uma ação afirmativa de Deus, geradora de vida no mundo:

¹⁸² DICK, Hilário. *O Divino no Jovem*. Porto Alegre: IPJ, 1997. p 17-18.

¹⁸³ CNBB. *Missão e ministério dos cristãos leigos e leigas* (documento da CNBB 62). Paulinas, São Paulo nº113 p 91.

¹⁸⁴ MÜLLER, 1995 p 49-50

¹⁸⁵ Resposta de um jovem no questionário para a pergunta: “Em que a participação na Missão Jovem pode contribuir na sua vida?”. Para essa pergunta não havia alternativas.

¹⁸⁶ “A missão, nesta perspectiva, é aquela dimensão de nossa fé que se recusa a aceitar a realidade como esta é e visa transformá-la. “Transformadora” é um adjetivo que descreve uma característica essencial do que significa

A missão é o “sim” de Deus ao mundo. Quando falamos de Deus, isto já implica o mundo como teatro da atividade divina. O amor e atenção de Deus dirigem-se primordialmente ao mundo, e a missão é “participação na existência de Deus no mundo”. Em nossa época, o sim de Deus ao mundo revela-se, em grande medida, no engajamento missionário da igreja no tocante às realidades de injustiça, opressão, pobreza, discriminação e violência. Encontramo-nos em grau crescente numa situação verdadeiramente apocalíptica onde os ricos ficam mais ricos e os pobres, mais pobres, e onde a violência e opressão tanto da direita quanto da esquerda estão aumentando. A igreja-em-missão não pode cerrar os olhos a essas realidades.¹⁸⁷

Comblin apresenta duas maneiras fundamentais de conceber a missão. Pelo tipo de atividades desenvolvidas pelos missionários, pelas falas dos jovens, pela oração rezada nas casas que receberam as visitas, classifico a MJ no segundo conceito:

A primeira entende a missão como a extensão dos grupos visíveis institucionalizados na Igreja atual. A atividade missionária consistiria em recrutar novos membros para a Igreja, introduzir mais gente, aumentar o prestígio e a influência social da Igreja. (...)

A segunda concepção da missão parte não da Igreja e sim de Cristo. A missão consiste em renovar e imitar a própria missão de Jesus Cristo. Jesus dirige-se aos que estão fora, fala para denunciar, anunciar, provocar, chamar à transformação de vida, libertar do passado, da sinagoga, do peso dos escribas e das tradições. A igreja vem depois da missão e não antes.¹⁸⁸

Uma preocupação dos jovens da equipe da ESCOJU e do Padre que abençoou os missionários, no sábado de manhã, era o respeito às diferentes denominações religiosas das famílias que os missionários visitariam¹⁸⁹. Müller chama a atenção de que querer impor uma fé não condiz com a ação missionária. Ele afirma que tal atitude “repugna completamente o sentido do ato de fé”.¹⁹⁰

Para Zwetsch¹⁹¹, assim como para Bosch¹⁹² e outros missiólogos, a missão e o ecumenismo estão mutuamente relacionados. Um trabalho em conjunto com outras organizações de juventude cristãs faria com que o Projeto MJ ganhasse força e “promovesse maior credibilidade ao anúncio do evangelho.”¹⁹³ Mas essa idéia na organização do projeto

missão cristã.” BOSCH, David J. *Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão*. São Leopoldo, RS: EST, Sinodal, 2002. p 11.

¹⁸⁷ BOSCH, 2002, p 28

¹⁸⁸ COMBLIN, 1980, p 11-12.

¹⁸⁹ Cf. relato do diário de campo, 13/09/2008.

¹⁹⁰ MÜLLER, 1995, p 137.

¹⁹¹ ZWETSCH, 2008, p 369

¹⁹² BOSCH, 2002, p 446s.

¹⁹³ ZWETSCH, 2008, p 345.

não existiu, em nenhum momento da pré-missão pensou-se em dialogar com igrejas que estivessem na mesmo “lugar de missão”.

Aos missionários, esta questão só foi uma preocupação no momento em que saíram para a rua. Eles perceberam que é possível um trabalho em conjunto. A fala de um jovem, no momento avaliativo, representa um pouco isso: “As pessoas nos trataram tri bem, inclusive os não católicos. Nós éramos recebidos como amigos.¹⁹⁴”

2.3 A missão entra no Projeto de Vida

Já identifiquei o uso do método Ver – Julgar – Agir na estrutura da ESCOJU. Esse método, ao longo do tempo, recebeu acréscimos para se completar: o Rever e o Celebrar.

Avaliar é rever o nosso Ver- Julgar- Agir, e ter uma criticidade diante do que vivenciamos, buscando a melhoria das próximas atividades. E para que estas atividades sejam movidas à mística, no Celebrar se faz como um valorizar as conquistas rezando, agradecendo o companheirismo de Deus, sua presença motivadora de todo processo.¹⁹⁵

Essas outras etapas do método tiveram momentos de destaque na MJ. O Rever foi feito no sábado à noite¹⁹⁶. A oração final do dia aconteceu apenas entre os missionários. Eles foram recebidos com abraços e palavras de agradecimento pelo trabalho num ambiente especialmente preparado para isso: velas e símbolos dispostos no chão. Após ouvirem a música “Alma Missionária”¹⁹⁷, cada um foi convidado a partilhar o que a MJ estava acrescentando em suas vidas.

O Celebrar aconteceu no domingo¹⁹⁸, na romaria pela paz. A caminhada foi festiva, os missionários carregavam faixas com dizeres a favor da paz, contra a violência, sobre a cidadania. A Romaria terminou com uma festiva celebração eucarística. Rezava-se não apenas pela conclusão da Missão Jovem, mas também pelo sacramento da Primeira Comunhão que muitos adultos estavam recebendo naquele dia. As comemorações continuaram com o

¹⁹⁴ Relato do diário de campo, 14/09/2008,.

¹⁹⁵ DE PAULA, Adalberto Penha. *Pedagogia de Formação: um caminho conhecido e possível para a evangelização da juventude.* Disponível em: <http://www.cmpbh.com.br/arq_Artigos/Pedagogia%20de%20Forma%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em 03 de agosto de 2009.

¹⁹⁶ Cf. relato do diário de campo, 13/09/2008,.

¹⁹⁷ Já citada no sub-capítulo “O Fazer Arte.”

¹⁹⁸ Cf. relato do diário de campo, 14/09/2008,.

almoço conjunto dos missionários com a comunidade e com a revelação da brincadeira dos amigos-secretos entre os jovens missionários.

O momento do Rever foi marcado pelas falas dos jovens que expressavam sentimentos de satisfação em ter conseguido realizar o desafio proposto, percebendo que são capazes; tristeza em terminar uma experiência que resultou na amizade, na convivência e numa formação única; a certeza que a MJ mudou suas concepções frente ao mundo, e, portanto, seus projetos de vida. Os primeiros a serem libertados na missão são os próprios missionários¹⁹⁹.

Junto com o pessoal, consegui falar nas salas de aula, conversar com as famílias. Consegui fazer aquilo que eu achava que não ia fazer.

As primeiras casas eu tinha medo de falar bobagem, mas foi um presente entrar numa casa humilde e com uma felicidade enorme. Eles tinham mais felicidade do que eu. A felicidade era em receber visita. À tarde, vi um jovem que convidei participando das oficinas. Deus está principalmente nas pessoas que não olhamos. Não será do mesmo modo que me relacionarei com as pessoas. Não terei mais tanto receio de encarar os desafios.

Foi maravilhoso! Tava com muito medo, eu não ia vim. Ia ficar em casa de bobeira fazer coisas que julgava mais importante, mas vim só pra ver vocês. Percebi que os outros também estavam nervosos, envergonhados, com medo de falar. Na primeira casa que batemos, recebemos um não! (...) Os mais humildes foram os que mais interagiram. Contavam suas histórias, suas vidas. Fizemos a diferença para aquelas pessoas. Naquele momento senti que a realidade muito ruim era aliviada e tu podes mudar completamente a vida dos outros. A missão significou transformação em poucas horas. Quando pegamos o embalo, não queríamos mais parar.²⁰⁰

Uma das propostas metodológicas da PJ²⁰¹ é que seus militantes tenham a redação de um Projeto Pessoal de Vida²⁰² (PV). Ao longo das três etapas da ESCOJU, os jovens foram convidados a escreverem seu PV²⁰³: o marco histórico, o marco situacional, o marco doutrinal e o marco operacional. É no marco operacional, ou seja, como os jovens querem viver suas vidas daquele momento em diante que a MJ interfere. Comblin explica esse sentimento de comprometimento com a continuidade: “Por modesta e humilde que seja sua ação, se ela for realmente inspirada pelo Espírito, o missionário sabe que ela será a semente que faz surgir

¹⁹⁹ Cf. COMBLIN, 1980, p 59.

²⁰⁰ Relato do diário de campo, 16/08/2008.

²⁰¹ Cf. LOURIVAL, 2009, p 18.

²⁰² O PV é um instrumento para “tomar vida na mão. (...) É dar sentido à sua existência analisando oportunidades, planejando os passos para se ter um mundo feliz.” Sendo coerentes com o seguimento de Cristo. CASA DA JUVENTUDE PE. BURNIER. *Projeto de vida*. Goiânia. 2007, p 6.

²⁰³ Existem várias metodologias para escrever um PV. A aplicada nessa ESCOJU foi baseada em TEIXEIRA, Carmem Lúcia (Org.). *Marcando história: elementos para construir um Projeto de Vida*. São Paulo: CCJ, 2005 (Educação na fé). 53 p. Essa proposta é feita em quatro partes: marco histórico (onde o jovem lembra sua autobiografia, sua trajetória de vida), marco situacional (sua realidade hoje), marco doutrinal (suas crenças e valores), marco operativo (seus projetos para o futuro e como alcançá-los).

uma árvore nova”²⁰⁴. Os jovens afirmam suas responsabilidades, querem dar continuidade ao processo missionário, pois eles sabem a repercussão da sua ação:

Devemos fazer algo para mudar o mundo, não podemos deixar isso acabar.

A Missão foi descoberta, desafio, portas batidas na cara, mas conhecemos pessoas. E quantas vezes vimos Deus hoje? Ele esteve presente conosco: nas crianças, nos pobres. (...) O povo tava tão empolgado no fim da Missão que já iam sozinhos ao encontro de qualquer pessoa na rua. *E a minha missão agora é fazer o quê? A missão é sempre!*

Peço que espalhamos isso: nas nossas famílias, nossos amigos, nos desconhecidos. Esse negócio de Missão. Desde o início que falamos em Missão, desde o início encontramos Deus. Temos que espalhar por ai. *A nossa Missão não está cumprida.*

Foi muito bacana construir todo o processo juntos, culminando na Missão. Como muda rápida: do medo para querer estar junto com as famílias! Mas isso tem que ser diário, na vida de gente. *Sejamos missionários sempre!*²⁰⁵

A concepção de que a missão não se esgota em um projeto, mas tem continuidade posterior é abordada nas propostas da MJ²⁰⁶. Porém, o Pós – missão, comparado com as outras etapas, é apresentado de forma mais sucinta: “Agora é hora de realizar a continuidade do trabalho (...), dependerá dos missionários, da comunidade e também da Equipe de Preparação”²⁰⁷. Percebo que a proposta é que cada missionário dê continuidade à experiência missionária em seus Projetos de Vida, mas não houve uma proposta de acompanhamento sistemático à comunidade ou escola visitada. Sem o objetivo de avaliar a MJ, essa é a etapa que pode ser mais explorada.

A Conferência de Aparecida ressalva que a missão não pode acontecer em projetos isolados, que deve ter continuidade e reverberação em toda a sociedade:

Quando cresce no cristão a consciência de pertencer a Cristo, em razão da gratuidade que produz, cresce também o ímpeto de comunicar a todos o dom desse encontro. *A missão não se limita a um programa ou projeto*, mas é compartilhar a experiência do acontecimento do encontro com o Cristo, testemunhá-lo e anunciá-lo de pessoa a pessoa, de comunidade a comunidade e da Igreja a todos os confins do mundo (cf At 1,8)²⁰⁸.

Os jovens no seu processo de descoberta da realidade, das relações que, segundo Dick²⁰⁹, são uma das dimensões teológicas juvenis, também descobrirão o espírito

²⁰⁴ COMBLIN, 1980, p 36.

²⁰⁵ Relatório do diário de campo, 14/09/2008, grifo meu.

²⁰⁶ Cf. PJ PORTO ALEGRE, 2005 p 9 e PJ do RS, 2002 p 9.

²⁰⁷ PJ PORTO ALEGRE, 2005 p 9.

²⁰⁸ DA 145, grifo meu.

²⁰⁹ DICK, 1997, p 26-28.

missionário que desponta como uma revelação fantástica. “O jovem descobre em todo o seu ser que é feito para ‘fora’; descobre que dentro dele mora um coração missionário.”²¹⁰

O processo missionário é algo que encanta o jovem, pois ele percebe o quanto acabou recebendo, o quanto acabou ganhando, numa ação que imaginava ser de doação, de ensinar. Segundo os jovens: “Amadureci, aprendi e ensinei. E farei isso sempre no decorrer da minha vida, pois foi muito gratificante. (...) Em tudo passei a enxergar a vida com outros olhos, estou muito mudada, as pessoas que eu encontrei me ensinaram muito²¹¹.” Pape já afirmava que a Missão, na atualidade, teria esse pressuposto: “A Missão do século XXI será, sem dúvida, muito mais que agora, uma Missão de dar e receber, uma Missão de um diálogo autêntico entre as Igrejas particulares de diversos cunhos culturais e entre estas Igrejas e seus respectivos ‘mundos’”.²¹²

2.4 Como continuar a navegar com novos sonhos?

A PJ do Brasil e da América Latina distingue três grandes etapas do desenvolvimento do grupo e do jovem: nucleação, iniciação e militância²¹³. Sendo a nucleação, a descoberta da vida em grupo; a iniciação, a descoberta da situação pessoas, da comunidade, dos problemas sociais e a organização do Projeto de Vida; a militância sendo a descoberta das etapas dos passos percorridos e a concretização do Projeto de Vida.

Alguns jovens assumem a militância dentro do ambiente da Igreja, da Pastoral da Juventude ou em outros serviços e ministérios. Outros assumem a militância no âmbito social, nos organismos intermediários da sociedade: movimentos populares, partidos políticos, grêmios estudantis, movimentos ecológicos, entre outros. Segundo a PJ, todos eles estão envolvidos com o sonho da construção de um outro mundo possível, com o horizonte no Reino de Deus²¹⁴. Ainda assim, a PJ faz uma ressalva:

Estes jovens que assumem este tipo de militância intermediária precisam manter referência com a comunidade eclesial para alimentar e celebrar a fé. (...) A

²¹⁰ DICK, Hilário. Juventude Missionária. In: *PJ do RS*, 2002. p 25.

²¹¹ Resposta do questionário de avaliação para a pergunta “Em que a participação na Missão Jovem pode contribuir na minha vida?”

²¹² PAPE, Carlos (et al). *A missão a partir da América Latina*. São Paulo: Paulinas 1983. p 16.

²¹³ Cf. TEIXEIRA, 2005, p 35

²¹⁴ Cf. LOURIVAL, 2009, p 15

militância no espaço social tem como objetivo a transformação da sociedade, porém, deve contribuir, também, na transformação da vida da comunidade eclesial²¹⁵.

Para a PJ, é muito claro que o processo de educação na fé não é algo pronto, uma receita clara e fechada a ser seguida²¹⁶, pois “a pessoa humana nunca está pronta e acabada”.²¹⁷ Precisamos respeitar os processos de cada jovem,²¹⁸ cada um tem momentos diferentes para viver cada fase e para passar para a próxima etapa da educação da fé, e nem todos farão toda a caminhada. De maneira geral, os jovens missionários, por toda a formação e vivência obtidas ao longo de quatro meses de formação, estariam vivenciando a fase da militância. Mas não podemos afirmar que isso é uma regra, já que o processo é diferente para cada um e para cada uma.

Ao fim da ESCOJU, no final da quarta etapa – quando ocorreu a Missão Jovem – cada cursista recebeu um certificado, um atestado de conclusão da Escola da Juventude. Este possuía o nome do jovem cursista certificado e constavam as etapas formativas e suas respectivas temáticas, assim como a assinatura do jovem coordenador da PJ e do Padre assessor. Além da comprovação da realização de um curso formativo, esta certificação é um símbolo de preparação para a vida, para assumir novas tarefas, novos desafios.

A Igreja tem claro para si que os leigos, jovens e adultos, têm uma função missionária bastante importante, dentro e fora da Igreja.

Os leigos também são chamados a participar na ação pastoral da Igreja, primeiro com o testemunho de sua vida e, em segundo lugar, com ações no campo da evangelização, da vida litúrgica e outras formas de apostolado segundo as necessidades locais sob a orientação de seus pastores.²¹⁹

Destacamos que a formação dos leigos e leigas deve contribuir, antes de mais nada, para sua atuação como discípulos missionários no mundo, na perspectiva do diálogo e da transformação da sociedade. É urgente uma formação específica para que possam ter uma incidência significativa nos diferentes campos, sobretudo, “no mundo vasto da política, da realidade social e da economia, como também da cultura, das ciências e das artes, da vida internacional, dos meios de comunicação e de outras realidades abertas à evangelização” (EN 70).²²⁰

A MJ é uma formação-ação que prepara os jovens exatamente para uma atuação diferenciada no seu grupo, comunidade e na sociedade em geral. Os jovens missionários

²¹⁵ PJ do RS, 2002, p 45

²¹⁶ Cf. TEIXEIRA, 2005, p 13

²¹⁷ TEIXEIRA, 2005, p 25.

²¹⁸ Cf. LIBANIO, 2004, p 99-100.

²¹⁹ DA 211.

²²⁰ DA 283.

percebem que a formação que receberam deve ser passada adiante, que eles deverão ser lideranças:

Desde que comecei a participar da PJ, me sinto motivado a ser protagonista de tudo que me é incumbido. Isso tudo tem influência direta na minha vida, no meu crescimento na fé.

A MJ tem contribuído no meu crescimento pessoal, pastoral e no engajamento da minha fé cristã e no amor pelo trabalho com a juventude.

Tem modificado a minha relação com a comunidade.

A ESCOJU tem trabalhado minha iniciativa, minha liderança e instigado minha consciência.

Estou me tornando uma pessoa melhor, mais responsável, um grande líder. Isso é uma formação para que eu possa montar um grupo de jovens na minha comunidade.

Estou adquirindo experiência para o meu grupo.

Contribui na minha preparação como liderança do grupo.

Aprender a conviver melhor na sociedade.

Percebo que todos nós fazemos parte da PJ, ela não ficará completa se faltar um membro.

Irá contribuir muito na minha vida, na sociedade, a entender melhor meu grupo, minha família.²²¹

Acompanhando o trabalho da PJ, até o presente momento²²², consigo perceber o engajamento dos cursistas e missionários de 2008 em diferentes atividades que buscam ser uma continuidade na evangelização da juventude e na transformação da sociedade. A maioria dos jovens retornou para seus grupos e assumiu coordenações nas suas paróquias. Soube de um jovem que está ajudando a nuclear, ou seja, criar um grupo em sua comunidade.

Grande parte da Equipe de jovens da ESCOJU/ 2009 é formada por jovens que fizeram o processo no ano anterior. Estes não só participam da Equipe da Escola, mas são da Equipe do vicariato de Gravataí e ficaram responsáveis por outras atividades. O Acampamento da Juventude, que antecedeu a Romaria do Trabalhador²²³, em maio de 2009, foi organizado por eles e reuniu jovens de todo o estado.

O jovem que coordenou a ESCOJU continuou seu processo de liderança dentro do Vicariato e tornou-se, em 2009, o jovem coordenador. Portanto, faz parte da Coordenação

²²¹ Respostas para a pergunta “Em que a MJ pode contribuir na minha vida?”, feitas nos questionários avaliativos ao longo das quatro etapas da formação.

²²² Concluiu a redação da pesquisa em agosto de 2009.

²²³ A Romaria acontece a cada dois anos, no Rio Grande do Sul, e é uma iniciativa da Pastoral Operária, juntamente com a Regional Sul 3 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

Regional da PJ, que reúne os jovens coordenadores de todo o estado. Uma menina optou pela vocação religiosa, foi morar com uma comunidade de irmãs e está fazendo o processo formativo da respectiva congregação. E um menino está em processo formativo, ainda em casa, mas deve ir para o seminário de uma congregação masculina no próximo ano.

Fora do âmbito eclesial, três jovens assumiram fortemente a militância política. Um deles, inclusive, trabalha num gabinete da Assembléia Legislativa, com cargo de confiança do partido.

Um pequeno número de jovens saiu dos seus respectivos grupos. Não tenho informação se eles continuaram com outros vínculos nas suas comunidades religiosas. Mas, mesmo para os que não continuaram na atuação pastoral, a ESCOJU e a MJ foram experiências bastante marcantes. Nelas, a formação deu-se na ação, desencadeando uma atividade desafiadora. Através de sua execução, perceberam-se capazes de transformações na realidade e de assumirem um seguimento a Jesus Cristo, comprometidos nas estruturas da PJ ou na sociedade. Para exemplificar a importância dessa formação-ação, cito o recado, deixado para mim num site de relacionamento²²⁴, de um dos cursistas que não continuou no seu grupo no decorrer do ano:

Foi *pouco* tempo, mas **VALEU** vivi cada segundoo ♪
ESCOJU 2008

²²⁴ O jovem deixou na parte dos depoimentos no site de relacionamentos www.orkut.com.br, grafia original mantida.

CONCLUSÃO

O Projeto Missão Jovem quer ser uma ação planejada e concreta da juventude, proporcionando aos jovens a possibilidade de evangelizar e ir ao encontro de outros jovens. A partir das MJ's que vivenciei e da análise que realizei ao longo dessa pesquisa, percebo que este projeto possibilita o protagonismo juvenil através de uma ação transformadora na vida de jovens que se envolvem em todas as suas etapas.

Em todas as fases da MJ, formação e ação estão presentes. Difícil é perceber momentos somente formativos, que não propõem um desafio para os jovens ou momentos de ativismo sem um aprendizado. Formação e ação se fundem, permitindo uma transformação nos jovens e na comunidade envolvida, ou seja, na sociedade e na Igreja. Com fins didáticos, apresento os momentos de formas distintas:

Formação para ação: a fase pré-missionária foi enriquecida, nessa experiência, com o curso Escola da Juventude que favoreceu, por meio de sua temática e metodologia, a criação de um vínculo forte entre os integrantes, constituindo em pouco tempo um grupo coeso e com identidade própria. O protagonismo não se dá apenas de forma individual, mas, principalmente, no coletivo, no grupo, como Pastoral da Juventude.

A consciência crítica é fator importante para desestabilizar a juventude que, apesar de seu potencial transformador dos paradigmas impostos pelas gerações anteriores, fica presa ao comodismo e ao consumismo, resultados de uma sociedade capitalista extremamente individualista que acaba sendo aceita como única forma de vida atual. O choque frente à realidade desvelada pelos próprios jovens não fica só numa sensibilização que leva ao choro e à comoção. A sensibilização faz sentido e é importante para esse projeto, pois vem acompanhada com uma teologia engajada e libertadora, baseada na crença de um Jesus Cristo profético que luta por vida digna, principalmente dos excluídos.

O jovem é desafiado, nesse processo formativo, a fazer parte de uma ação transformadora, ele é estimulado a pensar e executar algo, ser protagonista de uma atividade que influenciará na vida de muitas pessoas. O medo e a insegurança aparecem, mas junto com a possibilidade de fazer algo para modificar a realidade com a qual eles não concordam. A partir de uma metodologia apropriada, as dificuldades são superadas coletivamente.

O protagonismo do jovem é estimulado desde o início da formação, através da metodologia adotada no curso, que privilegia a participação, a experiência, o debate. O cursista precisa usar sua palavra e seu corpo para fazer acontecer às diferentes atividades,

pois, caso ele fique apenas como coadjuvante das propostas, estas simplesmente não acontecerão. *É a ação na formação.*

As propostas dos trabalhos partem de uma experiência concreta e são desencadeadas por dinâmicas, encenações teatrais, músicas e experiência de ir ao encontro da realidade, para, posteriormente, serem abstraídas e refletidas de diferentes maneiras: em grupo, por meio da partilha ou do debate e em momento de reflexão individual.

A formação, entretanto, dá-se de forma muito amadora, ou seja, sem formação ou aprofundamento específico e/ou formal. Os jovens da equipe possuem força de vontade para organizar uma experiência parecida com os momentos vivenciados por eles anteriormente, o que acaba, muitas vezes, sendo uma reprodução do que ocorreu em anos anteriores. Questiono se temáticas atuais como ecologia, feminismo, homossexualismo e sexualidade são abordadas de forma satisfatória nesses encontros. Pois, ou não são trabalhadas nas experiências vividas ou não se sabe como colocar estes temas que, então, podem ser descartados.

É necessária formação específica para os jovens da equipe, pois estes já a buscam de diversas maneiras. Mas é imprescindível para essa proposta de trabalho que eles percebam o inacabamento de sua formação, para estar continuamente querendo aperfeiçoar-se. Sinto que esta é uma lacuna, isto é, o fato de que não se tenha tido nenhum curso, seminário, grupo de estudo específico para a ESCOJU na instância da PJ analisada, pois um curso com uma proposta pedagógica tão rica e promotora de autonomia merece um estudo aprofundado.

A presença do assessor (a) é importante durante toda a formação, assim como nos desafios da ação. A presença adulta serve como apoio e modelo para o projeto de vida dos jovens. Portanto, o assessor (a) deve acompanhar de forma integral as atividades e, com uma formação qualificada, ser uma presença que instiga e apóia os jovens.

Contudo, o que se percebe é uma crise no papel da assessoria. Os assessores, muitas vezes, são pessoas com boa vontade e que os jovens querem bem, porém lhes falta ou formação sobre juventude, teologia, pastoral, ou mesmo tempo para acompanhar. É necessário colaborar na formação dos adultos que têm paixão e vocação pela juventude, assim como possibilitar uma dedicação exclusiva à evangelização dos jovens. As congregações e dioceses precisam realizar, de forma efetiva, a opção pelo trabalho com jovens que se dá de forma afetiva e comprometida. O trabalho com a juventude carece de formação, de dedicação e de tempo.

Formação na ação: a ação missionária tem um valor formativo na vida dos jovens de grande destaque. É uma atividade marcante, que dificilmente poderá ser igualada a outras experiências.

Os jovens são totalmente responsáveis pelo planejamento e execução das tarefas. Tudo é construído em conjunto, nessa experiência não se tem uma equipe responsável, todos assumem a responsabilidade da missão. Os jovens são os protagonistas de toda a missão, a equipe mistura-se, não se diferencia, todos são missionários.

Nessa experiência, a hierarquia social e eclesial não é reproduzida. Adultos da comunidade são convidados a ajudar, a cozinhar, a servir na infra-estrutura, a serem ajudantes na ação juvenil. O padre não coordena, não modifica a proposta, não executa a função de destaque, pelo contrário, destaca as funções e realizações dos jovens.

A sociedade não recebe a missão. A ação missionária é construída na realidade de uma determinada comunidade. É fundamental conhecer o local, ir ao encontro das pessoas, fazer com que os jovens da comunidade de fé que recebe a missão envolvam-se no processo desde o início, para que se construa algo que atenda às demandas e envolva, realmente, os jovens do lugar da missão. Só assim, a missão não se torna um evento isolado.

Na ação, o jovem traduz a mensagem do Evangelho de forma a ser transmitida a todos sem dificuldade, principalmente a outras juventudes. Na MJ de 2008, eles usaram teatro, música, oficinas, dinâmicas, fizeram visitas a turmas de uma escola, visitaram casas, falaram com as pessoas na rua, transformaram o prédio escolar, vazio num fim de semana, em um local de encontro e formação para os jovens da localidade. Utilizaram o local que cotidianamente os recebe, a escola, e o modificaram, pois ali nem sempre podem realizar atividades como essas de formação e diversão.

A experiência missionária faz o jovem abrir-se para o diferente, reconhecer no outro um irmão, como se desprende das palavras de um jovem missionário: “desde o início encontramos Deus”.²²⁵ Os jovens abrem-se para o diferente, vão ao encontro do desconhecido. Entram em salas de aula e nas casas de pessoas que não conhecem e, apesar de algumas vezes não serem bem recebidos, as experiências positivas sobressaem às negativas. O outro, mesmo que diferente, de outra denominação religiosa, por exemplo, é percebido como um irmão, um par, alguém a somar na construção de outro mundo possível.

A principal *transformação na ação* – não falo em formação porque consiste em mudança radical, quase que instantânea, resultado de todo o processo, é claro – é a capacidade

²²⁵Fala de um jovem missionário ao relatar a experiência vivida. Relatório do diário de campo, 16/08/2008.

que o jovem percebe em si e no grupo. Ele identifica-se como capaz de enfrentar desafios e de realizá-los de forma satisfatória, não sozinho, mas com a ajuda de outros que são tão importantes quanto ele.

Vivenciando a ação missionária da MJ, o jovem fortalece sua auto-estima e questiona o individualismo, acreditando no trabalho coletivo organizado dos jovens e no seguimento de Jesus Cristo de forma concreta e visível. O engajamento de forma mais viva em sua comunidade paroquial, em seu grupo de jovens ou nas atividades organizadas pela Pastoral da Juventude, assumindo compromissos na organização, são atitudes comuns dos jovens missionários após a experiência de missão.

Os jovens missionários também assumem compromissos que visam à transformação da sociedade fora do âmbito eclesial, em organizações da sociedade, como partidos políticos e grêmios estudantis. O objetivo é o mesmo: a modificação dessa sociedade com a qual não se concorda e a construção de um outro modelo baseado na proposta do cristianismo, de justiça, de paz, de solidariedade, conforme diz a oração da juventude missionária presente no folders da MJ.

A *transformação para a ação* ocorrerá, isso também acontece no projeto missionário, pois os jovens modificam seus projetos de vida. Querem acrescentar a seus sonhos de atividades, a serem realizadas no futuro, a continuidade da missão. Uma missão que se dá cotidianamente, que não acaba. Alguns assumem: serão missionários sempre.

A missão será algo na vida do jovem, mas como se dará a missão continuada na comunidade visitada, na escola que recebeu as oficinas e a festividade dos missionários? Como a MJ pode dar continuidade em longo prazo, buscando superar os problemas muito bem diagnosticados na pré-missão e na pós-missão? Ainda falta ao projeto MJ pensar a ação transformadora a médio e longo prazos, desafiar os jovens envolvidos a continuar acompanhando o local da missão. Os jovens missionários já fazem parte de outras comunidades e, nestes locais, já têm suas atribuições e lá podem reproduzir a experiência missionária. Ficaria para os jovens do local, que também fizeram o processo da MJ, a responsabilidade de dar continuidade ao trabalho, acompanhados pela equipe da PJ.

O curso de formação Escola da Juventude e o projeto Missão Jovem têm muito a contribuir, não só com a juventude da Pastoral da Juventude, mas também com a Igreja e com a educação voltada a juventudes. A ESCOJU traz muitas reflexões para a educação juvenil, seja ela formal ou comunitária, apresentando uma metodologia transformadora e uma temática envolvente.

O projeto Missão Jovem pode contribuir muito com sua experiência, embora ainda recente, para o trabalho missionário, principalmente com o objetivo de envolver a juventude. Nesse momento, trata-se de atuar dentro da ICAR na América Latina e no Caribe, após a conferência de Aparecida e, especialmente no Brasil, onde recentemente foi lançado um novo documento da CNBB²²⁶: O projeto nacional de evangelização – o Brasil na missão continental, onde os jovens são citados como primeiro interlocutor privilegiado do projeto.²²⁷ A juventude missionária que experimentou e modificou-se a partir da ação da MJ tem muita responsabilidade para multiplicar essa formação-ação para ser vivenciada por outros jovens.

Como a ESCOJU e a MJ não são propostas prontas, são projetos que devem ser adaptados a cada realidade, para enriquecer ainda mais essa experiência transformadora, devem ser tentadas novas possibilidades, repensadas as ações a partir das críticas apresentadas para que as experiências que estes projetos possibilitam continuem a transformar a vida de muitos jovens que, não sendo assim, provavelmente não serão atingidos por uma ação eclesial direcionada especificamente a eles.

A MJ e a ESCOJU demonstram, finalmente, que existem caminhos possíveis para trabalhar com a juventude atual, propostas e metodologias que mexem com seu imaginário e suas energias. Ainda que esta juventude seja, por vezes, desinteressada e acomodada, pode-se propor a ela atividades envolventes e comprometedoras que farão a diferença em sua vida e poderão marcá-la por toda a vida adulta.

²²⁶ CNBB. *Projeto Nacional de Evangelização: o Brasil na missão continental*. São Paulo: Paulinas, 2008. (Documento da CNBB 88).

²²⁷ CNBB, 2008. p 14.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Renato Souza de. Educar para o protagonismo juvenil. *Redemoinho*: revista de rede brasileira de centros e institutos de juventude. IPJ: Porto Alegre, n.3, set 2008.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

BETTO, Frei. *O que é Comunidade Eclesial de Base*. 2a edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

BETIATO, Mario Antônio. *Da Ação Católica à Pastoral da Juventude*. São Paulo: Vozes. 1985.

BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo Libertador*: ensaio de cristologia crítica para o nosso tempo. Petrópolis, Vozes, 1986.

_____. *A Igreja se fez povo. Eclesiogeneses*: a Igreja que nasce da fé do povo. Petrópolis, Vozes, 1989.

BOFF, Leonardo e BOFF, Clodovis. *Como fazer Teologia da Libertação*. Petrópolis: Vozes. 7 ed. 1998.

BOSCH, David J. *Missão transformadora*: mudanças de paradigma na teologia da missão. São Leopoldo, RS: EST, Sinodal, 2002.

CASA DA JUVENTUDE PE. BURNIER. *Projeto de vida*. Goiânia. 2007. (coleção papo jovem 1)

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida*: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino –Americano e do Caribe. Paulus-Paulinas, São Paulo, 2007.

CNBB. *Evangelização da juventude*: desafios e perspectivas pastorais. São Paulo: Paulus, 2006. (Coleção Estudos da CNBB 93).

_____. *Evangelização da juventude*: desafios e perspectivas pastorais. São Paulo: Paulinas, 2007. (Documentos da CNBB 85).

_____. *Medellín. II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano*. São Paulo: Paulinas, 1998.

_____. *Missão e ministério dos cristãos leigos e leigas*. Paulinas, São Paulo. 1999. (Documento da CNBB 62).

_____. *Pastoral da Juventude no Brasil*. São Paulo, 1986. (Coleção Estudos da CNBB 44).

_____. *Puebla: a evangelização no presente e no futuro da América Latina. III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano 3. ed.* Petrópolis: Vozes, 1980.

_____. *Santo Domingo: Nova evangelização, promoção humana, cultura cristã. IV Conferência Geral do Episcopado Latino-americano 2. ed.* São Paulo: Paulinas, 1992.

COMBLIN, José. *Teologia da Missão*. Petrópolis: Vozes, 1980.

COSTA, Antônio Carlos Gomes da. *Protagonismo Juvenil: adolescência, educação e participação democrática*. Fundação Odebrecht. Modua Faciendi. Publicações e serviços. Belo Horizonte, 1996.

_____. O adolescente como protagonista. Disponível em: <<http://www.adriano.gosuen.nom.br/pmwiki/index.php/Main/ProtagonismoJuvenilOAdolescenteComoProtagonista>> acesso em 11 de agosto de 2009.

DE PAULA, Adalberto Penha. *Pedagogia de Formação: um caminho conhecido e possível para a evangelização da juventude*. Disponível em: <http://www.cmpbh.com.br/arq_Artigos/Pedagogia%20de%20Forma%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em 03 de agosto de 2009.

DELORS, Jacques (Org.). *Educação: um tesouro a descobrir*. 2 ed. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC/UNESCO, 1999.

HASTENTEUFEL, Zeno. Os trinta anos de um movimento juvenil. *Caminhando com o Itepa, Instituto de Teologia e Pastoral*, ano XXIII, nº 85, julho 2007.

DICK, Hilário. *Carta a Neotéfilos: conversas sobre assessoria para grupos de jovens*. Edições Loyola, São Paulo, 2005.

_____. *Gritos Silenciados, mas evidentes: jovens construindo juventude na História*. Loyola: São Paulo, 2003.

_____. *O Divino no Jovem*. Porto Alegre: IPJ, 1997

FREIRE, Paulo. Conhecer, praticar, ensinar os evangelhos. *Tempo e presença*, Rio de Janeiro, v154, p7 out 1979.

_____. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa*. Paz e Terra: São Paulo, 1996.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAS, Maria Virgínia de Freitas. (Org.) *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais*. Ação educativa, 2005.

FOWLER, James T. *Estágios da Fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca do sentido*. São Leopoldo: Sinodal, 1992.

GALLO, Sílvio. Disciplinariedade e transversalidade. IN: CANDAU, Vera (Org.) *Linguagens, espaços e tempos no ensino e aprender*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

GROPPO, Luis Antônio. *Juventude: ensaio sobre sociologia e história da juventude moderna*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

HOBSBAWN, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914 – 1991*. 2 ed. São Paulo. Cia das Letras, 1995.

LEVI, Giovanni e SCHMITT, Jean Claude. *História dos Jovens*. Volume 1 e Volume 2. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LÉVI STRAUS, Claude. *Antropologia estrutural*. 2 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.

LIBANIO, J. B. *Jovens em tempo de pós-modernidade: considerações socioculturais e pastorais*. São Paulo: Loyola, 2004.

LOURENÇO, Clície Aparecida Pereira. O grupo como educador: o protagonismo coletivo. *Redemoinho: revista de rede brasileira de centros e institutos de juventude*. IPJ: Porto Alegre, n.3, set 2007.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. S Paulo: Cortez/UNESCO, 2003.

MULLER, Karl. *Teologia da Missão*. Ed Vozes, Petrópolis, 1995.

NORONHA, Olinda Maria. Pesquisa participante: respondo questões teórico-metodológicas. In: FAZENHA, Ivani (Org.) *Metodologia da pesquisa educacional*. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

NOVAES, Regina. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença? ABRAMO, Helena Wendel e BRANCO Pedro Paulo Martoni (Org.) *Retratos da Juventude Brasileira: análise de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto Cidadania, Fundação Perseu Abramo, 2005.

PAPE, Carlos (et al). *A missão a partir da América Latina*. São Paulo: Paulinas 1983.

PASTORAL DA JUVENTUDE NACIONAL. Disponível em: http://www.pj.org.br/2/src/site/pagina.php?pag=quem_somos, acesso em 14 de março de 2009. (site oficial).

PASTORAL DA JUVENTUDE DO RIO GRANDE DO SUL. *Marco Referencial*. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB – Sul 3: Porto Alegre. 2003.

_____. *Missão Jovem no RS*. 2003.

PASTORAL DA JUVENTUDE PORTO ALEGRE. *Missão Jovem*. Arquidiocese de Porto Alegre, 2005.

PEREIRA, Carlos Alberto. *O que é contracultura?* São Paulo: Brasiliense, 1983.

PERONDI, Maurício. Juventude e arte: *Redemoinho: revista de rede brasileira de centros e institutos de juventude*. IPJ: Porto Alegre, n.6, maio 2009.

SACRISTÁN J. Gimeno. *O currículo: uma reflexão sobre a prática*. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SCHÄFFERS, Bernhard *Apud* WELLER, Wivian. A presença feminina nas (sub) culturas juvenis. *Estudos Feministas*. Florianópolis, 13(1): p 109, janeiro – abril/ 2005.

SILVA, Lourival Rodrigues da (Org.) *Pastoral da Juventude: um jeito de ser e fazer. Orientações para a caminhada: um CORPO em construção*. São Paulo: Centro de Capacitação de Juventude - CCJ. 2009

SILVA, Maria Aparecida Lemos. Refletindo sobre pesquisa participativa. In: ENGERS, Maria Emília Amaral (Org.) *Paradigmas e metodologias de pesquisa em educação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

SOUZA, Regina Magalhães de. *Escola e juventude: aprender a aprender*. São Paulo: EDUC/ Paulus, 2003.

_____. O discurso do protagonismo juvenil. *Redemoinho: revista de rede brasileira de centros e institutos de juventude*. IPJ: Porto Alegre, n.3, set 2008.

SUESS, Paulo *Evangelizar a partir dos projetos históricos dos outros: ensaios de missiologia*. São Paulo: Paulus, 1995.

TEIXEIRA, Carmem Lúcia (Org.) *Passos na travessia da fé: metodologia e mística na formação integral da juventude*. São Paulo: CCJ – Centro de Capacitação da Juventude, 2005.

TOMAZI, Pe. Gilberto e CASAGRANDE, Elena. Missões Jovens: realidade, opção da Igreja e missionariedade em terras catarinenses. *Redemoinho: revista de rede brasileira de centros e institutos de juventude*. IPJ: Porto Alegre, n.0, out 2006.

VEIGA, Laura da. Educação, movimentos populares e pesquisa participante. *Educação na América Latina*. GUIOMAR, Felícia. (Coord.) São Paulo: Cortez, 1985.

WIKIPEDIA. *Comunidades eclesiais de base*. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Comunidades Eclesiais de Base](http://pt.wikipedia.org/wiki/Comunidades_Eclesiais_de_Base), acesso em 15 de março de 2009.

WITT, Maria Dirlane. Esperança e Solidariedade: a educação em tempos de globalização. In: SCHULTZ, Valdemar (org) *Semanas de Criatividade*. Vol 8, Departamento de Catequese da IECLB.

WITT, Maria Dirlane e PONICK, Edson (Coords.). *Dinâmicas para o Ensino Religioso*. São Leopoldo: Sinodal, 2008.

ZWETSCH, Roberto E. *Missão com com-paixão: Por uma teologia da missão em perspectiva latino-americana*. Editora Sinodal, 2008.

ANEXO I

O projeto Missão Jovem, estudo de um protagonismo juvenil

Este questionário faz parte de uma pesquisa e os resultados serão utilizados de forma confidencial, portanto não é preciso assiná-lo.

É muito importante que você responda o questionário com sinceridade.

Desde já agradeço seu empenho e colaboração.

Renata Zanella

Tabela 1.

Sexo ()M ()F

Tabela 2.

Idade:.....

Tabela 3.

Há quanto tempo você frequenta o grupo de jovens?

.....

Tabela 4.

Já participou de alguma Missão Jovem anteriormente?

() Sim () Não

Se a resposta for Sim:

Qual?.....

.....

Tabela 5.

O que foi realizado nessa fase de Pré-missão?

.....

.....

Tabela 6.

Que atividades você achou mais interessantes da fase da Missão Jovem da qual você participou? (Enumere até 3 atividades)

1.

2.

3.

Tabela 7.

Você se acha preparado(a) para a execução da Missão Jovem?

() Sim () Não

Explique:.....

.....

Tabela 8.

Você acredita que sua participação é importante na Missão Jovem? Porquê?

1.....

2.....

3.....

Tabela 9.

Em que a participação na Missão Jovem pode contribuir na sua vida, sua família, seu grupo de jovens, na escola?

1.....

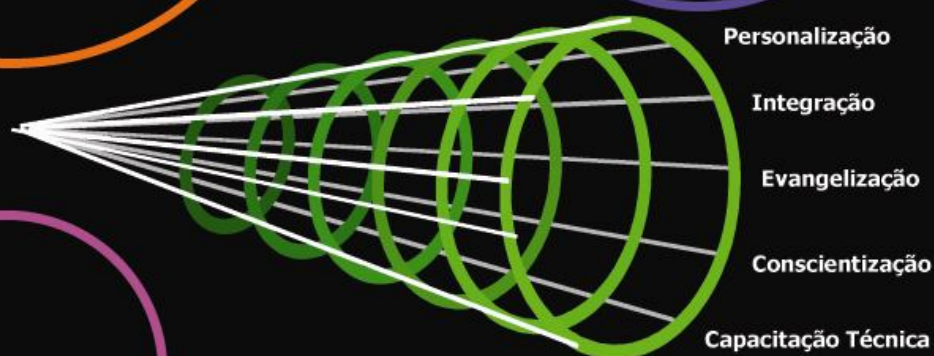
2.....

3.....

ANEXO II

As etapas do planejamento do processo

Afirmamos, no 2º gráfico, a processualidade destes "momentos". Um plano Global de Formação deve prever e possibilitar que, em cada etapa ou passo, todas **as dimensões sejam trabalhadas progressivamente**. Em cada "momento" as dimensões precisam estar presentes, em intensidades diferentes.



ANEXO III



ANEXO IV



ANEXO V



Pastoral da Juventude
- Vicariato de Gravataí -
Rede de Comunidades Santa Cruz

Os problemas se tornam cada vez maiores a medida que não assumimos o compromisso de praticar a cidadania.

Ponha a mão na massa, seja cidadão!!!

Programação:

12 à 14 de setembro

Sexta à noite - 19h - Visitação à Escola Luciana de Abreu;

2008

Sábado (manhã) 9h - Visita às famílias das comunidades;

Sábado (tarde) 14h30min- Oficinas (hip hop, capoeira, reciclagem e teatro) e apresentações de bandas - Escola Luciana de Abreu;

Domingo - 10h - Romaria da Santa Cruz, Marcha pela paz nas comunidades.

" A missão é grande, o desafio é bem maior".

ORAÇÃO DA JUVENTUDE MISSIONÁRIA

Deus Trino, comunidade perfeita.

Aqui tens a Tua juventude missionária.

Disposta a trocar a violência pelo respeito à diferença.

Disposta a abandonar o individual para construir
o que é de todos.

Ansiosos por Te reconhecer no rosto de outros jovens,
queremos sair em missão.

Dai-nos olhar o diferente com os olhos de iguais.

Dai-nos a felicidade dos que constroem a paz.

Dai-nos a coragem dos que morrem pela justiça.

Assim, diante de Ti colocamos a nossa inquietação:

que toda a juventude, sacramento do novo, seja hoje e sempre,
portadora da solidariedade e da paz!!

Amém, Axé, Aleluia.

missão
jovem

2008